

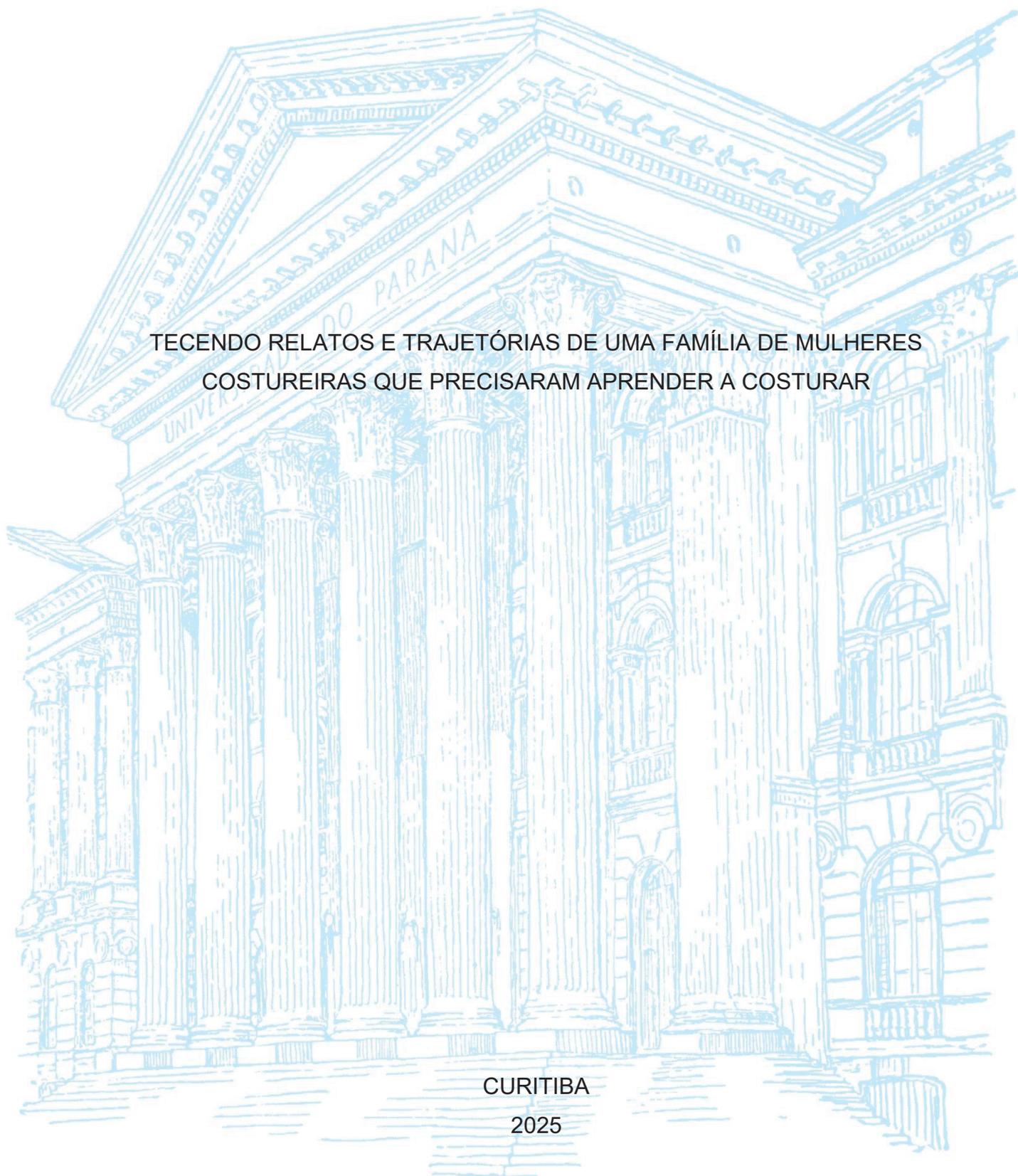
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FABRÍCIO RODRIGUES ALVES

TECENDO RELATOS E TRAJETÓRIAS DE UMA FAMÍLIA DE MULHERES
COSTUREIRAS QUE PRECISARAM APRENDER A COSTURAR

CURITIBA

2025



FABRÍCIO RODRIGUES ALVES

TECENDO RELATOS E TRAJETÓRIAS DE UMA FAMÍLIA DE MULHERES
COSTUREIRAS QUE PRECISARAM APRENDER A COSTURAR

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, Setor de Ciências Exatas, Universidade Federal do Paraná, para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e em Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Elenilton Vieira Godoy

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Alves, Fabrício Rodrigues

Tecendo relatos e trajetórias de uma família de mulheres costureiras que precisaram aprender a costurar / Fabrício Rodrigues Alves. – Curitiba, 2025.
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática.

Orientador: Elenilton Vieira Godoy

1. Costureiras. 2. Senso comum. 3. Etnomatemática. 4. História oral. 5. Identidade de gênero. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática. III. Godoy, Elenilton Vieira. IV. Título.

Bibliotecário: Elias Barbosa da Silva CRB-9/1894



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA - 40001016068P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **FABRÍCIO RODRIGUES ALVES**, intitulada: **TECENDO RELATOS E TRAJETÓRIAS DE UMA FAMÍLIA DE MULHERES COSTUREIRAS QUE PRECISARAM APRENDER A COSTURAR**, sob orientação do Prof. Dr. ELENILTON VIEIRA GODOY, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 07 de Março de 2025.

Assinatura Eletrônica

11/03/2025 14:41:39.0

ELENILTON VIEIRA GODOY

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

12/03/2025 17:42:53.0

ELISANGELA DE CAMPOS

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

10/03/2025 16:23:45.0

ROGER MIARKA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - CAMPUS DE RIO CLARO)

À minha mãe, vó Jove, tia Dorinha, tia Tininha e tia Miria.

AGRADECIMENTOS

Ouvi de diversas pessoas que ser pesquisador é algo muito solitário. Quando eu olho para trás e comparo com a minha formação na Educação Básica e na Graduação, isso me parece um pouco verdade.

Enquanto escrevo esse texto, eu estou sozinho em casa, sentado a escrivaninha do meu quarto, fazendo a n-ésima leitura da dissertação, assim como foi durante esses últimos dois anos. No entanto, não dá para discordar, que mesmo no Mestrado, estive cercado de pessoas que me ajudaram e me apoiaram a todo momento, desde a ideia para o pré-projeto da inscrição até agora.

Tantas pessoas foram, e são, importantes para que essa pesquisa fosse possível. E eu sou extremamente grato:

À minha mãe e ao meu pai, por todo carinho, apoio e pela minha criação, em querer que eu tivesse uma formação muito boa. Obrigado por me proporcionarem isso, acho que o investimento na educação deu certo.

À Rúbia Barcelos Amaral-Schio, que me orientou na iniciação científica durante a Graduação e me proporcionou uma experiência enorme com a produção de ciência na Educação Matemática, e que me deu total apoio quando eu não sabia se eu devia mesmo me mudar para Curitiba.

À Luciana Schreiner de Oliveira e a Angelita Minetto Araújo, professoras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), que estiveram à disposição para ler, comentar e sugerir ideias para o meu pré-projeto de Mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM), pela oportunidade de ser um aluno de Mestrado e trazer contribuições para o programa e para a Educação em Ciências e em Matemática.

Ao meu (des)orientador, Elenilton Vieira Godoy, por todos os encaminhamentos, ideias, possibilidades, dicas em momentos que a pesquisa não estava andando e, principalmente, por ter aguentado a minha enrolação com prazos (peço desculpas, preciso trabalhar melhor nisso).

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento a pesquisa, pois sem a bolsa eu estaria com dificuldades de me manter aqui. Afinal, ser pesquisador é um trabalho, é uma profissão, então a bolsa foi o meu salário.

Ao Grupo de Estudos Curriculares, Decolonialidade, Diversidade e Subalternidade (GECUDEDIS), por todos os comentários e críticas construtivas, pelas indicações de leitura, sugestões, discussões e pesquisas tão potentes e, principalmente, pelos momentos alegres e descontraídos.

Aos professores Marcelo Valério, Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira e a professora Kátia Maria Casper, pelas excelentes disciplinas que realizei no PPGECM e que ampliaram a minha visão sobre pesquisa.

À Keith Gabriella Flenik Morais, Aline Lubyi, Daniela Hostin, Maitê Thainara Barth, Vanessa Patrícia dos Santos, Diovana Aparecida Carvalho da Silva e Nathalie Aparecida Felicetti Luvison, amigas, colegas e parceiras, que estiveram comigo no mestrado me dando apoio, conselhos, relatando suas experiências de algo que era novo para mim, me guiando quando me sentia perdido, para tomar um café colonial e até mesmo dar uma volta no Jardim Botânico quando a cabeça já estava fervendo e ninguém produzia nada. E acabamos nos apoiando uns nos outros nesse último ano, pois 2024 foi bem difícil em diversos aspectos. Tenho um carinho enorme por vocês.

À Luiza Rodrigues Alves, minha irmã, sete anos mais nova que eu, por ter me ajudado a repassar e corrigir as transcrições das entrevistas. Desculpa pelo trabalho cansativo.

À Elisângela de Campos e ao Roger Miarka por aceitarem ser minha banca de Qualificação e de Defesa da dissertação.

E, claro, não posso me esquecer delas. Às cinco mulheres importantes dessa pesquisa. Muito obrigado mãe, vó, tia Dorinha, tia Tininha e tia Miria, pois sem as senhoras esta pesquisa jamais existiria. Gratidão enorme pela paciência, pela disposição, por terem aceitado e por me desejarem sorte e todo apoio no processo. Amo vocês.

“Giramundo

um símbolo
feito de estrelas ligadas entre si
e gira...

tem diversos lados
cada um de uma cor
é popular
feito de retalhos

eu conheci através do Flávio
que o recebeu de Das Dores
que o trouxe do nordeste,
das mulheres simples de lá
que os vendem nas feiras como enfeites

dá sorte pendurar
um giramundo na casa
espanta dos maus espíritos!

A mandala Giramundo”

Myrian Muniz
(Vargas, 1998)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado insere-se na linha de pesquisa Formação e Desenvolvimento Docente em Ciências e Matemática do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e tem como objetivo investigar a influência das experiências de vida, das práticas de trabalho e do uso da matemática pelas costureiras em suas identidades e relações sociais. Para tanto, a pesquisa, de abordagem qualitativa, filia-se aos pressupostos da História Oral (Meihy, 2005; Garnica, 2019), sendo guiada por entrevistas semiestruturadas com cinco mulheres costureiras da mesma família, seguidas de transcrições e textualizações. As narrativas construídas são analisadas a partir de pesquisas selecionadas no Catálogo de Teses e Dissertações (CTD-CAPES), organizadas em três temáticas: (1) Gênero, Educação e Empoderamento; (2) História e Práticas Culturais na Educação Matemática; e (3) Trabalhos Manuais, Criatividade e Educação Matemática. Essas categorias fornecem uma perspectiva geral das práticas socioculturais das costureiras, dos saberes tradicionais e da interseccionalidade de gênero, raça e classe social no contexto da Educação Matemática. Aborda-se a Etnomatemática (D'Ambrosio, 1998, 2001) para relacionar e evidenciar os aspectos afetivos e multiculturais entre as costureiras ou em outros contextos nos quais as entrevistadas estejam inseridas, além das contribuições de Silvia Federici (2019a, 2019b, 2021), em diálogo com as reflexões de Françoise Vergès (2020), ao abordar as relações entre trabalho, gênero e o movimento feminista. Com isso, o arremate integra elementos das pesquisas de mestrado selecionadas em cada uma das três categorias identificadas na Revisão Sistemática de Literatura, articulando-as com trechos das entrevistas e a fundamentação teórica. A incorporação dessa análise enriquece a compreensão das trajetórias de vida das mulheres e de suas estratégias de sobrevivência e resistência, evidenciando como a educação matemática, a tecnologia, a sustentabilidade e as práticas cotidianas podem ser ferramentas de empoderamento e transformação social.

Palavras-chave: Costureiras. Saberes tradicionais. Etnomatemática. História oral. Gênero.

ABSTRACT

This master's dissertation is part of the Teacher Training and Development in Science and Mathematics research line of the Graduate Program in Science and Mathematics Education (PPGECM) at the Federal University of Paraná (UFPR). It aims to investigate how the life experiences, work practices, and use of mathematics by seamstresses influence their identities and social relationships. To this end, the research, which adopts a qualitative approach, is based on the principles of Oral History (Meihy, 2005; Garnica, 2019) and is guided by semi-structured interviews with five female seamstresses from the same family, followed by transcriptions and textualizations. The constructed narratives are analyzed based on studies selected from the Theses and Dissertations Catalog (CTD-CAPES), organized into three themes: (1) Gender, Education, and Empowerment; (2) History and Cultural Practices in Mathematics Education; and (3) Handicrafts, Creativity, and Mathematics Education. These categories provide a broad perspective on the sociocultural practices of seamstresses, traditional knowledge, and the intersectionality of gender, race, and social class in the context of Mathematics Education. Ethnomathematics (D'Ambrosio, 1998, 2001) is addressed to relate and highlight the affective and multicultural aspects among seamstresses or in other contexts in which the interviewees are embedded. Additionally, the contributions of Silvia Federici (2019a, 2019b, 2021) are discussed in dialogue with the reflections of Françoise Vergès (2020) regarding the relationships between labor, gender, and the feminist movement. Thus, the final analysis integrates elements of the selected master's research in each of the three categories identified in the Systematic Literature Review, articulating them with excerpts from the interviews and the theoretical framework. Incorporating this analysis enhances the understanding of women's life trajectories and their strategies for survival and resistance, demonstrating how mathematics education, technology, sustainability, and everyday practices can be tools for empowerment and social transformation.

Keywords: Seamstresses. Traditional knowledge. Ethnomathematics. Oral history. Genre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Almofada casinha de abelha	16
Figura 2 – Giramundo	17
Figura 3 – Novo roteiro de entrevistas	40
Figura 4 – Camisa xadrez amarela feita pela minha mãe	45
Figura 5 – Contas da tia Miria	53
Figura 6 – Rascunho de figuras geométricas da tia Miria	54
Figura 7 – Moldes de calça e frente de blusa.....	70
Figura 8 – Como fazer uma saia godê	72

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Passos de pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações	22
QUADRO 2 – Resultados da busca “artesanato” no CTD.....	24
QUADRO 3 – Resultado da busca “mulheres” and “matemática” no CTD.....	26
QUADRO 4 – Momentos da produção das informações	37

LISTA DE SIGLAS

UTFPR	- Universidade Tecnológica Federal do Paraná
PPGECM	- Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
GECUDEDIS-	Grupo de Estudos Curriculares, Decolonialidade, Diversidade e Subalternidade
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
CTD	- Catálogo de Teses e Dissertações
ETEC	- Escola Técnica Estadual
CPS	- Centro Paula Souza
UNESP	- Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
SEMAT	- Semana de Estudos da Matemática
PIBID	- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
RMC	- Região Metropolitana de Curitiba
IMPA	- Instituto de Matemática Pura e Aplicada
RSL	- Revisão Sistemática de Literatura
CTS	- Ciência, Tecnologia e Sociedade
ZDP	- Zona de Desenvolvimento Proximal
ATD	- Análise Textual Discursiva
UEPB	- Universidade Estadual da Paraíba
CEP/CHS	- Comitê de Ética em Pesquisa das Ciências Humanas e Sociais
CAAE	- Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
CIC	- Cidade Industrial de Curitiba

SUMÁRIO

1 PRIMEIROS PASSOS	14
1.1 MINHA FAMÍLIA E EU.....	14
1.2 GRADUAÇÃO EM MATEMÁTICA	15
1.3 CURITIBA E O MESTRADO	16
1.4 A PESQUISA.....	18
2 REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA	21
3 ETNOMATEMÁTICA	31
4 PERCURSO METODOLÓGICO	34
4.1 PESQUISA QUALITATIVA.....	34
4.2 HISTÓRIA ORAL.....	35
5 ENTREVISTAS	39
5.1 JOVENILA, MINHA MÃE.....	41
5.2 JANIRA, A TIA MIRIA.....	50
5.3 ALTINA, A TIA TININHA.....	60
5.4 MARIA DAS DORES, A TIA DORINHA.....	67
5.5 JOVELINA, MINHA AVÓ MATERNA.....	75
6 APONTAMENTOS ENTRE TRABALHO, GÊNERO E FEMINISMO.....	81
7 COSTURANDO RELATOS E TRAJETÓRIAS	84
8 ARREMATE	88
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICE 1 – ROTEIRO PARA ENTREVISTA.....	95
APÊNDICE 2 – MODELO DE CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS.....	96
ANEXO 1 – CARTAS DE CESSÃO DE DADOS.....	97
ANEXO 2 – MOLDES	102
ANEXO 3 – REVISTA DE COSTURA	108

1 PRIMEIROS PASSOS

Para tudo existe um primeiro passo. Aquele passo em que se inicia de fato, a criação, o surgimento ou o nascimento de alguém ou alguma coisa. Esse capítulo é feito dos primeiros passos em diferentes momentos da minha vida.

1.1 MINHA FAMÍLIA E EU

Nasci em uma família de mineiros, e não me refiro apenas aos meus pais, mas também a todos os meus avós e parentes da geração deles, que nasceram e foram criados em Minas Gerais. Nossos laços com essa terra são profundos e enraizados, refletindo-se em nossas tradições, costumes e memórias. A cultura mineira permeia nossas vidas, desde a culinária caseira até as histórias contadas nas reuniões familiares, e cada visita a Minas Gerais é uma redescoberta das nossas origens.

Com o passar do tempo, muitos deles, que moravam nos municípios de Rubelita e Salinas localizados em Minas Gerais, saíram dali em busca de trabalho e melhores oportunidades em outras cidades e, até mesmo, outros estados. Hoje em dia, meus parentes estão espalhados pelos estados de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul.

Com esse movimento de mudar de um estado para outro, minha mãe morava em Curitiba - PR e se mudou para Jundiaí - SP, quando foi morar com meu pai. Eis que em outubro de 1999, nasce Fabrício Rodrigues Alves, este autor que vos fala.

Em 2007, quando minha irmã estava prestes a completar 9 meses de idade, nos mudamos para Piracicaba, no interior de São Paulo, devido a transferência de local de trabalho do meu pai, onde vivi por 13 anos.

Durante o 9º ano do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Professora Catharina Casale Padovani, tive aulas de Matemática com a professora Flávia Trombim. Foi durante uma dessas aulas que despertei interesse pela Matemática, ao aprender como construir um hexágono utilizando compasso. No Ensino Médio, na

Escola Técnica Estadual (ETEC¹) Deputado Ary de Camargo Pedroso, tive o privilégio de ser aluno da professora Silvana Aparecida Camolesi e, no 3º ano, de oferecer monitorias de Matemática para os(as) estudantes do 1º e 2º anos. Esses momentos, que marcaram os anos de 2013 a 2017, foram decisivos para minha escolha de curso de graduação.

1.2 GRADUAÇÃO EM MATEMÁTICA

Aos 17 anos, no meu último ano de Ensino Médio, prestei o vestibular da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) para Matemática, desejando estudar no campus de Rio Claro, por ser cidade vizinha a Piracicaba. No começo, meus pais hesitaram um pouco, pois acreditavam que eu teria que morar sozinho e isso teria um custo elevado. Então, eu combinei que iria de ônibus todos os dias para Rio Claro e continuaria morando em Piracicaba.

Eu ingressei no curso, que já no 1º ano percebi que encarar 2 horas de ida e 2 horas de volta seria complicado, pois o cansaço físico e mental havia comprometido o meu rendimento. No 2º ano, eu me mudei para Rio Claro, conseguindo, assim, me dedicar mais à graduação e às outras atividades que a universidade poderia me proporcionar.

Nos anos seguintes, participei da comissão organizadora da Semana de Estudos da Matemática (SEMAT), fui bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e do Programa Residência Pedagógica, fui monitor voluntário e bolsista de diferentes disciplinas da graduação de Matemática e Física e, também, pelo meu interesse em Geometria, pude dedicar os últimos dois anos de faculdade estudando construções geométricas e participando do grupo de pesquisa TeorEMa – Interlocações entre Geometria e Educação Matemática, com a profa. dra. Rúbia Barcelos Amaral Schio.

Durante a minha graduação, também me interessei pela Etnomatemática e pela História Oral, as quais foram muito importantes no momento que tomei uma

¹ As Escolas Técnicas Estaduais (ETEC) são instituições que oferecem cursos de Ensino Técnico, Médio e Especializações e são administradas pelo Centro Paula Souza (CPS), uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (CPS, 2024).

decisão que acreditei que demoraria no mínimo uns cinco anos: prestar o processo seletivo para o Mestrado.

1.3 CURITIBA E O MESTRADO

Sempre tive vontade de morar em Curitiba, pois eu já havia visitado muitas vezes e me encantado em todas elas. Então, após me formar, consegui um emprego numa escola no bairro Cajuru e me mudei para a casa da tia Dorinha, irmã da minha mãe, em Colombo, cidade localizada na Região Metropolitana de Curitiba (RMC).

Apesar da grande quantidade de familiares na RMC, uma das pessoas que mais me acolheu nessa cidade fria foi a Keith Gabriella Flenik Moraes, que conheci em um grupo de universitários no Facebook quando ela era aluna de Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), e quem também me apresentou para várias pessoas, algumas delas hoje fazem parte do meu ciclo de amizade, e que incentivou a me inscrever para o Mestrado.

Numa viagem para Rio Claro, para participar da SEMAT, eu e Keith fomos para casa dos meus pais em Piracicaba. Ela olhou para duas coisas na sala de casa, objetos esses que já me despertavam a minha curiosidade sobre a sua produção, e me motivou a escrever o pré-projeto desta pesquisa.

Figura 1 – Almofada casinha de abelha



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Na Figura 1 é apresentado um artesanato que minha mãe chama de almofada casinha de abelha ou, também, favo de mel. No momento que a Keith olhou, ela disse que parecia origami feito no tecido, e o objeto da Figura 2, conhecido na família da minha mãe como giramundo, ela ficou tentando saber que tipo de sólido era aquele.

Figura 2 – Giramundo



Fonte: Arquivo do autor (2023).

De fato, a curiosidade que a Keith teve, eu também tinha, pois desde criança, quando eu ia visitar a minha avó, sempre tinha um giramundo presente na sala de sua casa e, devido ao seu formato, eu ficava pensando em como ele era construído. Anos mais tarde, perguntei para minha mãe e minha avó, o que era usado para construir o giramundo e fui saber que é feito com pedaços de papelão envolvidos com tecido e costurados um ao outro, pregando um botão ou miçanga para o acabamento.

Após buscas pela internet, notei que nos estudos de geometria há definições para o sólido que representa o giramundo, sendo um sólido não convexo e chamado de hexecontaedro rômico. Segundo o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA, 2019), foi “descoberto” pelo matemático alemão Helmut Unkelbach, em 1940, mas que no Brasil havia uma tradição de produzir giramundos há mais de 200 anos. Essa informação me levou a questionar se realmente houve um descobrimento do objeto geométrico ou se ele foi definido nos estudos de geometria somente em 1940.

Além disso, têm cinco costureiras na minha família: minha avó, uma de suas enteadas e três de suas filhas, sendo que uma delas é a minha mãe; e elas sempre

costuraram. Isso possibilitou para que cada uma delas fizessem diferentes trabalhos, seja bordado ponto cruz, fuxico, crochê, consertos de roupas e confecção de casacos.

E assim, procurando compreender mais o giramundo a partir da prática cultural da costura, me inscrevo no processo seletivo para uma vaga no curso Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

1.4 A PESQUISA

A vida de pós-graduando se inicia. Ingresso no Mestrado sob orientação do Prof. Dr. Elenilton Vieira Godoy e minha pesquisa se direciona a partir da seguinte questão: Qual(is) a(s) influência(s) das experiências de vida, das práticas de trabalho e do uso da matemática pelas costureiras em suas identidades e relações sociais?

Uma vez que a cultura dos povos, devido a diversidade em vários aspectos, pode contribuir como fonte para pesquisas em Matemática e Educação Matemática, propiciando a nós docentes de Matemática aprendermos com suas culturas, seja com artesãos, feirantes, costureiras, pescadores etc.(Gerdes, 2010).

E, também, como aponta Pissetti e Soares (2022, p. 17),

A costureira, que é uma pessoa adulta, já viveu muitas experiências profissionais e, também, pessoais, que refletem em seu modo de pensar e agir. Da mesma forma, a sua composição cultural se manifesta também na utilização de saberes matemáticos necessários para o desenvolvimento de suas atividades cotidianas, que, no seu caso, foram desenvolvidas de forma autodidata, testando hipóteses e validando seus argumentos, por meio de ciclos de observação e da experimentação.

A partir das minhas motivações e da questão de pesquisa formulada, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar a influência das experiências de vida, das práticas de trabalho e do uso da matemática pelas costureiras em suas identidades e relações sociais, e os seguintes objetivos específicos:

- Observar as relações familiares e afetivas das entrevistadas que permitem explorar como as relações familiares e afetivas influenciam e são influenciadas pelas práticas de costura.
- Analisar o trabalho das costureiras com atenção ao potencial artístico, cultural e matemático de suas ações focadas na análise detalhada das

práticas de trabalho das costureiras, incluindo o uso da matemática, a criatividade artística e o valor cultural das suas ações.

- Constituir fontes históricas a partir das narrativas das costureiras, que visa documentar e preservar as histórias de vida das costureiras, criando fontes históricas valiosas.

Ressalto a importância da abordagem do tema proposto devido à bagagem cultural e afetiva que a costura possui, como o giramundo mencionado anteriormente, assim como a ampliação dos estudos de geometria e do pensamento matemático cotidiano.

Portanto, valorizando o resgate de memórias e a oralidade como forma de registro, pensando também como uma aproximação mais humanizada com as cinco mulheres que serão foco dessa pesquisa, trago a História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa, utilizando de entrevistas semiestruturadas e imagens para uma composição detalhada. A partir dos dados produzidos, a Etnomatemática, de acordo com Taffarel e Silva (2017), por reconhecer, valorizar e respeitar diferentes culturas, se torna a principal aliada à problemática como fundamentação necessária para dialogar com a pesquisa proposta.

Posto isso, esta dissertação está organizada em 8 capítulos. Neste primeiro capítulo trago a minha trajetória, desde o meu nascimento até início desta pesquisa, permeando momentos importantes da minha vida que estruturam e solidificam a minha formação, como filho, amigo, irmão, estudante, professor e pesquisador.

Para iniciar a pesquisa, o segundo capítulo apresenta uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL) com o intuito de estudar o escopo, em que se analisa o que foi e é pesquisado dentro da área de concentração, para situar a temática que visa trabalhar.

O terceiro capítulo se debruça nos estudos da Etnomatemática para relacionar e evidenciar os aspectos afetivos e multiculturais, seja apenas entre as costureiras ou em outros contextos em que as entrevistadas estejam inseridas, como mãe, estudante e mulher.

Em seguida, no quarto capítulo, explicita-se o percurso metodológico com uma pesquisa de abordagem qualitativa, tomará a História Oral como fio condutor, pois a partir das memórias e relatos das participantes, a produção dos registros poderá

evidenciar os conhecimentos culturais, artísticos, matemáticos e, principalmente, criar fontes históricas.

Dessa forma, o capítulo 5 se adentra nos relatos, começando com a minha descrição sobre cada entrevista, abordando o roteiro utilizado, o local e modo que ocorreu, o sentimento e as expressões. Um capítulo que tem meu coração, não porque é uma conversa, mas justamente nessa conversa que as formas de falar de cada uma vem ao meu ouvido e de relatos que muitas vezes eu ouvi, só que o escrito deixa marcado a sensibilidade, a coragem, o medo, a frustração, a alegria e a simplicidade.

O sexto capítulo costura os depoimentos e relatos das entrevistadas a partir do objetivo geral da pesquisa, trazendo considerações sobre experiências de vida, práticas de trabalho, uso da matemática e identidades e relações sociais das cinco mulheres costureiras entrevistadas.

No penúltimo capítulo, apresento as contribuições de Silvia Federici (2019a, 2019b, 2021), dialogando com as reflexões de Françoise Vergès (2020) ao abordar as relações entre trabalho, gênero e o movimento feminista.

Para arrematar, integro elementos das pesquisas de mestrado selecionadas em cada uma das três categorias identificadas na Revisão Sistemática de Literatura (*Gênero, Educação e Empoderamento; História e Práticas Culturais na Educação Matemática; e Trabalhos Manuais, Criatividade e Educação Matemática*), costurando com trechos das entrevistas e o embasamento teórico apresentado no capítulo anterior.

2 REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Esta revisão segue abordagem de pesquisa qualitativa (Alves-Mazzotti, 1999; Bogdan; Biklen, 1994), tendo como roteiro pré-estabelecido por Cruz e Ferreira (2023) nove etapas essenciais que são explicadas detalhadamente para todo o processo, desde a definição de uma pergunta direcionadora até a síntese e escrita dos dados obtidos da Revisão Sistemática de Literatura (RSL).

Cruz e Ferreira (2023), propõem que a RSL seja seguida pela: (1) definição da pergunta direcionadora, em que o pesquisador deva evidenciar o seu objetivo; (2) validação da pergunta, onde se elabora o questionamento sobre o tema, pautado na necessidade de uma revisão; (3) definição dos critérios de inclusão e exclusão; (4) delimitação das pesquisas, seja pela presença das palavras-chave em títulos e resumos; (5) seleção, primeiramente por título e resumo, e depois por uma análise aprofundada do texto integral; (6) extração de dados, que devem ser organizados em planilhas e analisados; (7) verificação da qualidade, através da metodologia e das evidências dos materiais selecionados; (8) execução da metanálise; e (9) revisão e síntese dos dados.

Tendo como objetivo situar a temática proposta, ou seja, investigar a influência das experiências de vida, das práticas de trabalho e do uso da matemática pelas costureiras em suas identidades e relações sociais, dentre as dissertações publicadas no campo da Educação Matemática, focando nas mulheres, nas costureiras e nos saberes tradicionais, realizei a revisão sistemática, entre outubro e novembro de 2023, utilizando o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CTD-CAPES) como base de dados.

Foram definidas as seguintes palavras-chave para busca: giramundo; estrela da felicidade; trabalhos manuais; artesanato; costura; costureira; mulheres, e; matemática. As palavras foram combinadas, com auxílio do operador booleano *and*, conforme os resultados da pesquisa e pela noção prévia da quantidade de material que poderia surgir, como no caso da palavra mulheres, em que poderia aparecer muitos trabalhos publicados de diversas áreas. Além disso, também foram definidos os filtros para a pesquisa, conforme o QUADRO 1 – Passos de pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações, onde detalha os passos da busca realizada para cada palavra-chave.

QUADRO 1 – Passos de pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações

Passo 1	Busca	Palavras-chave pré-definidas	
Passo 2	Filtros	Tipo	Mestrado Acadêmico
		Grande área conhecimento	Multidisciplinar
Passo 3	Filtros	Área concentração	Todas as áreas que abrangessem Ensino de Matemática e Educação Matemática

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

O passo 1 é a busca inicial, onde a partir da palavra-chave ou da combinação de palavras-chave com operadores booleanos, resulta na quantidade total de pesquisas contempladas. Já o passo 2, tendo em vista os resultados apresentados, foi realizado um primeiro refinamento da busca, utilizando dos filtros Tipo e Grande área conhecimento. Por fim, o passo 3 filtra novamente, pela Área concentração, tendo como foco todos os itens que estivessem direcionados ao Ensino de Matemática e à Educação Matemática.

Como critérios de exclusão, foram definidos os seguintes: (a) ser uma dissertação de Mestrado Profissional; (b) não estar diretamente relacionada com as palavras-chaves, como sentido figurado ou usado como sinônimo de um outro termo, seja no título e/ou resumo; (c) pesquisa de um programa de pós-graduação vinculado a mais de uma área de concentração e que não está voltada para Educação Matemática, por exemplo, Ensino de Física; (d) ser resultado de uma outra busca já feita;

Caso a pesquisa encontrada durante a busca seja de outra área de concentração e/ou programa de pós-graduação, mas que esteja relacionada a palavra-chave buscada e que possa contribuir para a presente pesquisa, poderá ser incluída nos resultados.

A primeira busca se deu com a palavra-chave “giramundo”, resultando 10 (dez) pesquisas no geral. Com isso, ao selecionar o filtro para a área de concentração, apenas trabalhos publicados junto aos Estudos Culturais estavam disponíveis. Apesar de não estar evidente, poderia ter uma relação com a Educação Matemática, o que me levou a leitura do título e do resumo da única dissertação retornada. No entanto, “Arquitetura marionete: Álvaro Apocalypse” (Marcos Augusto Cunha Malafaia de

Figueiredo, 2019) traz a trajetória do criador do Giramundo Teatro de Bonecos, revelando o processo de formação como sujeito, como artista e a condição de “criador” perante a “criatura”. Como não há uma relação direta e explícita com a Educação Matemática e o giramundo como artesanato, a dissertação de Figueiredo (2019) foi excluída da revisão, conseqüentemente, após a filtragem e a leitura não obtive pesquisas para a área.

A segunda busca foi em torno da palavra-chave “estrela da felicidade”, por se tratar de um dos nomes conhecidos para giramundo (IMPA, 2019), mas não houve resultados gerais, encerrando a busca.

A terceira busca foi focada na palavra-chave “trabalhos manuais”, resultando em 99 pesquisas (Mestrado e Doutorado). Apenas com os 2 primeiros passos, surgiram duas dissertações com títulos que me saltaram aos olhos: “Mulheres entre costuras e resíduos têxteis: entrelaçamentos do cuidar e educar” (Lucilene Mizue Hidaka, 2023) e “Saberes na formação matemática dos discentes da segunda escola normal de Caetité – Bahia (1926-1961)” (Fabrícia Oliveira de Araújo, 2020).

Hidaka (2023) se direciona para os estudos de gênero, alinhada à interseccionalidade, em que a autora evidencia imposições construídas pelo patriarcado no papel social das mulheres, as conduzindo ao trabalho têxtil por ser algo possível de lidar juntamente com as tarefas domésticas e cuidado dos filhos.

Araújo (2020) se volta para os saberes a ensinar na formação matemática dos discentes da segunda Escola Normal Caetité – Bahia (1926-1961), em que se trata de uma pesquisa histórica e documental, produzindo narrativas fundamentadas na História Oral temática.

Apesar de Hidaka (2023) ser mestra em Têxtil e Moda, sua dissertação poderá ser relevante para discussões futuras na presente pesquisa, assim como o trabalho de Araújo (2020) com a História Oral na Educação Matemática.

A quarta busca foi realizada com a palavra-chave “artesanato”, resultando em 1222 pesquisas (Mestrado e Doutorado). A partir dos seguintes filtros para a Área concentração: Ensino de Ciências e Matemática; Educação Matemática; e Educação em Ciências e Matemática, retornaram 4 (quatro) dissertações, listadas no QUADRO 2.

QUADRO 2 – Resultados da busca “artesanato” no CTD

Título	Autor(a)	Ano	Universidade
O artesanato como tema gerador para o ensino de Ciências: uma perspectiva freireana	Jaime Rodrigues da Silva	2017	Universidade Federal de Sergipe
A Etnomatemática do povo indígena Parkatêjê e a prática escolar	Iran Medrada	2020	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Um estudo sobre a criatividade em um ambiente de aprendizagem de Modelagem Matemática	Olga Cristina Penetra Giraldi	2020	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Matemática e cotidiano: saberes escolares e suas relações com os vivenciados na pesca artesanal em comunidades de pescadores e marisqueiras em São Cristóvão, SE	Angela dos Santos Silveira	2022	Universidade Federal de Sergipe

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Jaime Rodrigues da Silva (2017) traz em sua dissertação a possibilidade e as limitações do uso de artesanatos como tema gerador no Ensino de Ciências, por meio de uma perspectiva freireana, também se apoia na perspectiva curricular da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e no multiculturalismo/interculturalismo. Vale ressaltar que o autor aborda as implicações da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), de Vygotsky, como fundamentação teórica, e afirma a importância de valorizar a união de saberes tradicionais e conhecimentos científicos.

Em “A Etnomatemática do povo indígena Parkatêjê e a prática escolar”, Iran Medrada (2020) apresenta a importância dos saberes etnomatemáticos na trajetória e no cotidiano dos Parkatêjê e os descreve no uso, por exemplo, da aferição, classificação, ordenação e cronologia do tempo.

A dissertação de Olga Cristina Penetra Giraldi (2020), embora seja de Educação Matemática, se direciona para a abordagem da criatividade dentro do

ambiente escolar alinhada com a Modelagem Matemática, explicitando a manipulação de materiais de artesanato como parte da cooperação para a expressão da criatividade.

Focando nos saberes matemáticos, Angela dos Santos Silveira (2022) se preocupou em entender os limites para inserção da Etnomatemática no Ensino Fundamental em escolas de comunidades de pescadores, em São Cristóvão – SE, onde a autora analisou os saberes matemáticos usados por pescadores e marisqueiras na arte da pesca, com um olhar etnográfico numa pesquisa de abordagem qualiquantitativa. Silveira (2022) teve a Etnomatemática como aporte teórico e a Análise Textual Discursiva (ATD) como instrumento para a análise dos dados obtidos.

Assim, Silveira (2022) e Medrada (2020) desenvolveram pesquisas que mais se relacionam com o termo buscado, além de se aproximarem com a presente dissertação, envolvendo Etnomatemática, saberes cotidianos e artesanato. Os outros dois resultados saem do escopo devido as abordagens que apresentam, Silva (2017) com a ZDP de Vygotsky e as perspectivas freireana e da CTS, e Giraldi (2020) com a Modelagem Matemática.

A quinta busca foi realizada com a palavra-chave “costura”, a qual retornou 1045 trabalhos publicados. Dessa vez, os filtros para Área concentração foram: Educação Matemática; Ensino de Ciências e Matemática; Educação em Ciências e Matemática, e; Ensino e História das Ciências e Matemática. No entanto, apesar de resultar 2 (duas) dissertações, ambas não se alinham com a temática da presente dissertação.

“Eu, humano? Um Frankenstein sobre representações dos sujeitos costurada na ficção científica e de estudantes do Ensino Médio” (João Pedro de Almeida Belo, 2022) e “Diálogos entre Educação Financeira e Educação Matemática Crítica: uma pesquisa bibliográfica analisando dissertações defendidas em mestrados profissionais de Minas Gerais” (Samuel Alves de Assis, 2020) usam a palavra costura como sinônimo para conectar, conexões, interligações ou outras palavras que remetam a ligar uma coisa a outra, tal qual uma agulha costurando dois pedaços de tecido. Dessa forma, as excluí dos dados obtidos desta revisão.

As próximas três buscas foram feitas combinadas ao operador booleano *and*², com intenção de um melhor refinamento e precisão na busca por pesquisas em Educação Matemática.

Ao pesquisar “mulheres e matemática”, obtive um retorno de 431 pesquisas de Mestrado e Doutorado. Com o passo 2 da busca, o número de pesquisas reduziu para 53 dissertações de mestrado. A partir disso, o refinamento foi feito para da Área de Concentração com os seguintes filtros: Educação Matemática; Ensino de Ciências e Matemática; Educação em Ciências e Matemática; Ensino e História das Ciências e Matemática; Ciências e Matemática; Ensino e Aprendizagem de Matemática e seus fundamentos filosófico-científicos; Ensino e História da Matemática e da Física; e Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática.

Com isso retornaram 24 trabalhos. Como processo de exclusão, fiz uma leitura dos títulos e selecionei apenas 7 (sete) pesquisas (QUADRO 3), tendo como critério uma relação explícita da Educação Matemática com mulheres e também a exclusão de trabalhos que já foram citados em buscas anteriores. Caso um dos títulos não estivesse evidente tal relação exigida, fiz uma leitura do resumo como critério de seleção.

QUADRO 3 – Resultado da busca “mulheres” and “matemática” no CTD

Título	Autor(a)	Ano	Universidade
Estudos de gêneros na Educação Matemática: as expectativas construídas pelos/as docentes	José Mário da Silva Filho	2019	Universidade Federal de Pernambuco
Entre mitos e interditos: uma reflexão sobre a segregação feminina na matemática	Jane Cleide de Almeida Cordeiro	2019	Universidade Estadual da Paraíba
Vozes de mulheres na academia: desmantelando armadilhas para nos invisibilizar	Carolina Salviano Bezerra	2020	Universidade Federal do Rio de Janeiro

² Deixarei descrito *and* como o conectivo e.

O ensino de matemática para mulheres no Colégio Piracicabano (1881-1908)	Renata Caterine Gambaro Cleto da Silva	2020	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Jogos de linguagem produzidos por mulheres na ocupação do Quadrado e seus movimentos de contraconduta	Letiane Oliveira da Fonseca	2020	Universidade Federal de Pelotas
Denúncias e anunciações sobre camadas de vulnerabilidade social e Educação Matemática junto a um grupo de mulheres pretxs que assumiram empoderar-se por meio da tecnologia	Jeimy Marcela Cortés Suárez	2020	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Educação escolar quilombola: a matemática presente em materiais publicados no site do Ministério da Educação	Maiéli Masteloto Crestani	2020	Universidade Federal de Santa Maria

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Na dissertação intitulada “Estudos de gêneros na Educação Matemática: as expectativas construídas pelos/as docentes”, José Mário da Silva Filho (2019) tem como objetivo compreender como as representações do feminino e masculino podem produzir expectativas distintas para cada sexo, assim como a inferência no processo de aprendizagem e ensino de matemática, analisando as relações de gênero e as visões estereotipadas das professoras de instituições de Ensino Fundamental da cidade de Gravatá – PE. Silva Filho (2019) nota que, durante os resultados, foram apontados silenciamentos, equívocos e visões estereotipadas sobre as relações de gênero, destacando que tal atitude entre docentes demonstra a dependência cultural quanto às relações de poder impostas sobre a identidade de gênero.

Jane Cleide de Almeida Cordeiro (2019) segue uma linha parecida com a pesquisa anterior, onde ela visa elencar e analisar os possíveis motivos da segregação feminina na matemática. Para isso, analisou as concepções de cinco alunas de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e, num segundo momento, se baseando em Foucault, fez-se reflexões em torno dos

mitos e procedimentos de exclusão interditos em relação à mulher e na matemática, concluindo que o gênero feminino não é estimulado a cursos focados em cálculos.

Carolina Salviano Bezerra (2020), em sua dissertação, realizou entrevistas com seis mulheres, sendo elas alunas do Ensino Superior e professoras do Ensino Superior e da Educação Básica, com o intuito de refletir e compreender as vivências de mulheres no ambiente universitário. A autora afirma e reforça que as narrativas obtidas evidenciam que a sociedade sofre com consequências da colonização, onde as dominações sexuais, raciais e de classe compõem e favorecem um processo hierárquico.

Em “O ensino de matemática para mulheres no Colégio Piracicabano (1881-1908)”, Renata Caterine Gambaro Cleto da Silva (2020) apresenta uma interpretação histórica sobre o ensino de matemática para meninas, entre 1881 e 1908, no primeiro Colégio Metodista do Brasil, situado em Piracicaba – SP. A autora se pauta na historiografia e no conceito de cultura de Peter Burke, e ela observa que, a partir das fontes de pesquisa, o Colégio Piracicabano mantinha meninos estudando em suas dependências, mesmo sendo uma escola voltada apenas para meninas. A instituição, apesar de ter como objetivo a conversão de uma parcela de pessoas para o protestantismo, promoveu uma mudança na educação através da inserção do ensino de geometria e aritmética em seu currículo.

Sob a perspectiva da Etnomatemática, dos jogos de linguagem e do conceito de contraconduta, Letiane Oliveira de Fonseca (2020) em sua pesquisa, intitulada “Jogos de linguagem produzidos por mulheres na ocupação do Quadrado e seus movimentos de contraconduta”, realizou uma investigação de cunho etnográfica, com uso de diário de campo, fotografias e entrevistas narrativas. Com o uso das entrevistas, as quatro moradoras da ocupação do Quadrado, da cidade de Pelotas – RS, puderam narrar as suas vivências na comunidade que vivem, o que levou Fonseca (2020) a concluir que os jogos de linguagem do grupo de mulheres são provenientes de práticas por elas vivenciadas, mediante as lutas e resistências para determinar suas moradias. Vale ressaltar aqui, que o termo jogos de linguagem está diretamente relacionado aos usos que a linguagem pode ter em diferentes contextos, em que se terá uma significação e um funcionamento próprio.

Jeimy Marcela Cortés Suárez (2020) escreve uma dissertação que aborda questões de gênero, sexualidade e raça, alinhada à Educação Matemática, e que através da cartografia, buscou compreender e dar visibilidade aos modos pelos quais

um grupo de mulheres pretas conseguiu se empoderar, utilizando-se da tecnologia, se aproximando das ciências exatas. Com inspiração na História Oral, Suárez (2020) traz as narrativas das histórias de vida de mulheres em situação de vulnerabilidade social, com o intuito de problematizar a educação a partir das possibilidades de empoderamento junto à tecnologia, assim como discutir relações de poder implicadas a raça, gênero e sexualidade na sociedade.

A pesquisa “Educação escolar quilombola: a matemática presente em materiais publicados no site do Ministério da Educação”, de Maiéli Masteloto Crestani (2020), segue uma abordagem qualitativa e bibliográfica, com o objetivo de analisar se e como o conteúdo matemático é apresentado nos materiais disponíveis, publicados no site do Ministério da Educação inseridos na modalidade de Educação Escolar Quilombola. Para isso, a autora realizou um mapeamento no CTD – CAPES e no Google Acadêmico para compreender mais sobre o tema, elencou documentos oficiais e obras autorais que abordassem questões históricas, de tal forma que pudesse elaborar um panorama histórico da educação ofertada a população quilombola, e se baseou na Análise de Conteúdo de Laurence Bardin.

Crestani (2020) aborda as mulheres ao denunciar que elas possuem um falso papel de destaque nos materiais analisados, pois elas não tiveram o devido reconhecimento na construção histórica dos quilombos. A autora, ainda, destaca que uma mulher quilombola de 20 anos já era considerada velha para se casar, e traz uma reflexão em relação aos homens, se eles sofrem com essa pressão e se em um determinado momento eles não estariam velhos demais para o matrimônio, expondo o machismo presente nas comunidades quilombolas.

Buscando por “costureira e matemática”, retornaram 3 (três) trabalhos, mas que ao refinar no passo 1, não há opção de Mestrado Acadêmico, apenas o Profissional, conseqüentemente, a única dissertação apresentada foi excluída dos dados por não se enquadrar nos critérios estabelecidos nesta revisão.

Por fim, houve somente 1 (um) resultado na busca por “costura e matemática”, tendo como Área concentração a Educação Matemática. Porém o trabalho não foi selecionado, visto que o resultado já foi apresentado na quinta pesquisa.

Após a oitava busca, encerro a revisão e concluo, que apesar de nem todas as pesquisas retornarem resultados ou trabalhos que conversassem com assuntos alinhados a Educação Matemática, as 13 dissertações apresentadas contribuíram imensamente para entender quais propostas foram discutidas e em que momento a

presente pesquisa está sendo realizada. Destaco, também, que as contribuições vão além de apenas descrever e analisar as pesquisas do escopo, pois elas enriquecem a investigação e alargam o horizonte para possíveis discussões em cada linha de pesquisa em Educação Matemática.

Por fim, após as leituras das 13 dissertações, organizamos as pesquisas apresentadas em três temáticas, fornecendo uma perspectiva geral das práticas socioculturais de costureiras, saberes tradicionais e a interseccionalidade de gênero, raça e classe social no contexto da Educação Matemática. A organização ocorreu dessa forma tendo em vista as palavras-chave para a RSL e as semelhanças entre assuntos abordados entre elas.

1) Gênero, Educação e Empoderamento, foca nas questões de gênero, vivências acadêmicas das mulheres e como a tecnologia pode empoderá-las. As pesquisas de José Mário da Silva Filho (2019), Jane Cleide de Almeida Cordeiro (2019) Carolina Salviano Bezerra (2020) e Jeimy Marcela Cortés Suárez (2020) fazem parte da primeira temática.

2) História e Práticas Culturais na Educação Matemática, abrange a história do ensino de matemática para mulheres e práticas Etnomatemática em diferentes contextos culturais. As pesquisas de Renata Caterine Gambaro Cleto da Silva (2020), Iran Medrada (2020), Angela dos Santos Silveira (2022), Letiane Oliveira de Fonseca (2020) e Maiéli Masteloto Crestani (2020) compõem a segunda temática.

3) Trabalhos Manuais, Criatividade e Educação Matemática, foca na interseção entre trabalhos manuais, artesanato, criatividade e educação matemática. As pesquisas de Jaime Rodrigues da Silva (2017), Lucilene Mizue Hidaka (2023), Fabrícia Oliveira de Araújo (2020) e Olga Cristina Penetra Giraldo (2020) fazem parte da terceira temática.

3 ETNOMATEMÁTICA

Ao trazer uma temática que envolve formas de trabalho, cultura e saberes, é natural que na Educação Matemática se lembre da Etnomatemática, pois os saberes e fazeres próprios de cada indivíduo estão impregnados em seu dia a dia. A todo momento tem alguém medindo, contando, comparando e explicando conforme as relações e instrumentos inseridos em suas culturas (D'Ambrosio, 2001).

A Etnomatemática, enquanto campo de estudo interdisciplinar, emerge da necessidade de compreender as práticas matemáticas que são desenvolvidas fora dos limites da matemática acadêmica tradicional, em que busca evidenciar as múltiplas formas de saberes matemáticos presentes nas diversas culturas ao redor do mundo, reconhecendo a diversidade do saber e do fazer matemático (D'Ambrosio, 1998, 2001).

Além disso, como a presente pesquisa tem intenção de trazer elementos culturais das costureiras sob a perspectiva da Etnomatemática, D'Ambrosio (1998) reforça que cada grupo possui sua própria matematização, perante os seus valores culturais.

D'Ambrosio (1998, p. 18, grifos do autor) afirma que “a etnomatemática se situa numa área de transição entre a antropologia cultural e a matemática que chamamos academicamente institucionalizada, e seu estudo abre caminho ao que poderíamos chamar de uma *matemática antropológica*” e que ela pode ser compreendida como um conjunto de práticas matemáticas que ocorrem dentro de um contexto cultural específico. A Etnomatemática não se limita às matemáticas tradicionais ensinadas nas escolas ou desenvolvidas dentro dos centros acadêmicos, mas sim a todas as formas de saber que envolvem raciocínio matemático, como as práticas de medir, contar, calcular, comparar e entender o mundo.

Vale ressaltar que

a cultura, que é o conjunto de comportamentos compatibilizados e de conhecimentos compartilhados, inclui valores. Numa mesma cultura, os indivíduos dão as mesmas explicações e utilizam os mesmos instrumentos materiais e intelectuais no seu dia-a-dia. O conjunto desses instrumentos se manifesta nas maneiras, nos modos, nas habilidades, nas artes, nas técnicas, nas *ticas* de lidar com o ambiente, de entender e explicar fatos e fenômenos, de ensinar e compartilhar tudo isso, que é o *matema* próprio ao grupo, à comunidade, ao *etno*. Isto é, na sua etnomatemática (D'Ambrosio, 2001, p. 35, grifos do autor).

A Etnomatemática, portanto, não é uma prática isolada, mas uma componente na cultura de cada grupo. Como destaca o autor, o *matema* não é universal, mas é impregnado de valores e práticas próprias de cada povo, tornando-se único para cada comunidade (D'Ambrosio, 2001). Essas práticas matemáticas são frequentemente invisíveis para a matemática formal, mas representam formas legítimas de conhecimento matemático, que merecem ser valorizadas.

Cada grupo cultural, em seu contexto histórico e social, desenvolve suas próprias formas de lidar com as questões matemáticas, adaptadas à sua realidade e às suas necessidades. Assim, a Etnomatemática se apresenta como uma forma de matematização própria de cada grupo ou sociedade, refletindo suas crenças, valores e formas de organização social.

Para D'Ambrosio (1998), a Etnomatemática é essencialmente uma arte ou técnica de explicar e conhecer, ou seja, ela vai além da simples aplicação de fórmulas ou regras, envolvendo a forma como as comunidades ao longo da história desenvolveram soluções matemáticas para resolver problemas do cotidiano, como a construção de habitações, a organização do trabalho agrícola ou a navegação. É uma maneira de entender e explicar o mundo, que se relaciona diretamente com as formas de viver, pensar e interagir de cada grupo social.

O Programa Etnomatemática tem como objeto de estudo a explicação dos processos de geração, organização e transmissão de conhecimentos, os quais podem exercer uma força entre eles, enquanto inseridos em culturas diversas. Knijnik (2002) afirma que a definição do objeto de estudo de D'Ambrosio implica em diversas formas de Etnomatemática, como a matemática praticada por mulheres e homens como instrumento de sobrevivência e, também, a matemática como é conhecida popularmente, produzida por matemáticos.

Knijnik (2002, p. 165) diz que “os modos de produzir conhecimento, compreender o mundo e dar significado às experiências da vida cotidiana de outros povos [...] são considerados como não ciência, como não conhecimento” por parte da

sociedade ocidental, considerados os capazes de produzir ciência, ou seja, há um impedimento na produção de ciência, favorecendo uma única em detrimento de outras, causando uma marginalização de saberes populares e culturais.

Abordar a Etnomatemática na Educação Matemática tem o potencial de transformar os modos como a matemática é ensinada e compreendida. Ao reconhecer as práticas matemáticas presentes nas culturas locais e integrá-las ao currículo, a Etnomatemática permite que as pessoas vejam a matemática como uma disciplina viva e conectada com seu cotidiano, e não como uma abstração distante ou irrelevante. Isso também pode vir a contribuir para a valorização das culturas e identidades, especialmente de quem vêm de comunidades marginalizadas ou que não têm suas práticas reconhecidas.

Logo, o Programa Etnomatemática se faz presente na pesquisa, ao privilegiar o raciocínio qualitativo, possibilitar o enfoque numa questão vinculada a uma manifestação cultural - nesse caso um trabalho artístico - e se enquadrar em concepções multiculturais, além de possibilitar as diversas formas de Etnomatemática de cada indivíduo e grupo (D'Ambrosio, 2001).

Nesse aspecto, o embasamento em D'Ambrosio (1998, 2001) vêm ao encontro da vivência e do afeto, onde a cultura e a arte de costurar, por ser uma tradição familiar, possibilita a existência de um vínculo e um apreço muito grande entre as costureiras e seu ofício, principalmente por ser uma fonte de renda.

A Etnomatemática, conforme apresentada por Ubiratan D'Ambrosio, oferece uma nova perspectiva sobre a matemática, valorizando as práticas matemáticas de diferentes culturas e mostrando como elas podem ser integradas à matemática moderna. Ela é um programa de pesquisa que conecta o passado e o presente, as tradições e as inovações, ao permitir que diferentes formas de matematização sejam reconhecidas e compreendidas.

Com isso, considero importante ter a Etnomatemática permeando a temática desta pesquisa. E não para refutar, ditar se algo está certo ou errado, mas para evidenciar os aspectos culturais presentes nos depoimentos das entrevistadas, unindo-se a História Oral para composição de fontes histórico-culturais.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 PESQUISA QUALITATIVA

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, pode-se dizer que, inicialmente, a sua natureza busca compreender como as pessoas interpretam suas experiências e constroem seu mundo. Assim, o pesquisador torna-se o meio para produção e análise das informações, alinhado ao processo indutivo para formação de hipóteses e teorias, mediante entrevistas e observações. Com isso, os achados da pesquisa não são dados em números, mas como relatos, imagens, pinturas, documentos, gravações de voz e vídeos.

Alves-Mazzotti (1999, p. 131) afirma que

a principal característica das pesquisas qualitativas é o fato de que estas seguem a tradição “compreensiva” ou interpretativa. Isto significa que essas pesquisas partem do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado.

E, segundo Goldenberg (2004, p. 53),

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador.

Dessa forma, uma pesquisa qualitativa nos fornece informações mais descritivas, enfatizando as particularidades de um fenômeno significativo às ações do grupo estudado (Borba; Araújo, 2019; Goldenberg, 2004).

Para que seja possível a realização desta pesquisa, a qual lidará com seres humanos, foi necessário a submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa das Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da UFPR através da Plataforma Brasil, em 5 de outubro de 2023, com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 74920123.6.0000.0214, e sendo aprovado em 14 de novembro de 2023, sob o parecer nº 6.507.045.

4.2 HISTÓRIA ORAL

“Através da História Oral, nós colhemos informações que não ficaram na história. Parte para fazer uma avaliação da vida do entrevistado. Uma parte assim, digamos, um tanto quanto autobiográfica. E, em seguida, parte-se para a verificação e apanhar os dados que a gente está propondo apanhar daquela pessoa.” (Retratos ..., 2023)

“Pode parecer que estou falando de metodologia, mas eu estou falando de amor.” (Retratos ..., 2023)

A partir das características em torno da pesquisa qualitativa, este trabalho se dará pela História Oral como metodologia, uma vez que, segundo Garnica (2019, p. 86), “ao mobilizarmos a História Oral em trabalhos acadêmicos registramos memórias, e estes registros servirão para os fins que os pesquisadores julgarem adequados dar a eles.”

Além disso, Meihy (2005, p. 18) ressalta que

A história oral mantém um compromisso de registro permanente que se projeta para o futuro sugerindo que outros possam vir a usá-la de diferentes maneiras, e por isso é importante separar as etapas de gravações de entrevistas, de estabelecimento dos textos, de suas análises e do arquivamento ou destinação. A primeira etapa é obrigatória, por ser germinal; a segunda e a terceira dependem das determinações estabelecidas no projeto; e a última deve se orientar para a institucionalização da guarda do material.

Com isso, as fontes elaboradas a partir da História Oral, são amparadas pelo ponto de vista ético e estético. Sendo assim, todo depoimento tem direito às suas memórias, conseqüentemente, exerce um papel fundamental em decidir sobre os registros e a forma de divulgação, do mesmo modo que pesquisador e participante estabelecem como se dará a fixação da oralidade pela escrita (Garnica, 2019).

Garnica (2019, p. 97) ainda evidencia que

Optar pela História Oral implica abraçar a perspectiva de que é impossível constituir “A” história, mas é possível - e necessário - (re)constituir versões, considerando os atores sociais que vivenciaram certos contextos e situações, considerando como elementos essenciais, nesse processo, as memórias desses atores - via de regra negligenciados - sem desprestigiar, no entanto, os dados “oficiais”, sem negar a importância de fontes primárias, de arquivos, de monumentos, dos tantos registros possíveis.

E, Meihy (2005, p. 25), revela que

a história oral se apóia exatamente na adesão de pessoas dedicadas a pensar a vida social em sentido público e por meios não estritamente convencionais. Sem se isolar do contingente acadêmico, é para o exercício da democracia e do conhecimento que ela se faz. Assim, cabe admitir que a história oral é mais do que uma prática de estabelecimento e interpretação de documentos feitos por pessoas de outra época, quase sempre guardados em lugares de acesso restrito aos pesquisadores profissionais. A história oral tem um forte apelo público, de divulgação e reconhecimento.

Portanto, escolher a História Oral é reconhecer os pressupostos que a possibilitam, os quais implicam uma percepção do passado que tem continuidade e que seu processo histórico não acabou, o que nos revela como uma “história viva” (Garnica, 2019; Meihy, 2005).

Conforme os depoimentos e relatos ocorrem, o resgate de memórias (e escrevo isso, pois às vezes nem sabíamos da existência de algumas memórias) se atrela à leitura, à escrita e à oralidade, uma vez a pessoa se recorda conforme prossegue a ação, ou seja, se lembra do texto ao lê-lo, da história ao contá-la. Cada história, cada relato é uma jornada pela qual o indivíduo passou (Ingold, 2022).

Garnica (2019) ainda traz os processos metodológicos por trás da metodologia aqui citada, que segundo ele, existem dois níveis para esboçá-los. O primeiro está pautado na produção de depoimentos e o segundo no tratamento das informações produzidas.

Os depoimentos serão produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas, possibilitando uma conversa aberta, visto que o roteiro “é aberto o suficiente para aproveitar as várias experiências relatadas” (Garnica, 2019, p. 99). O roteiro elaborado consta no Apêndice 1, nas seções pós-textuais dessa dissertação.

QUADRO 4 – Momentos da produção das informações

1º momento	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
2º momento	Gravação
3º momento	Transcrição
4º momento	Textualização
5º momento	Devolutiva para as participantes
6º momento	Carta de cessão dos dados
7º momento	Divulgação dos registros

Fonte: elaborado pelo autor (2024).

A produção das informações se dará conforme os momentos apresentados no QUADRO 4. Inicialmente, deve ser realizada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com as participantes, seguida das rubricas e assinatura do documento. As entrevistas só podem acontecer após a autorização das participantes.

As entrevistas, registradas por meio de gravações de áudio e/ou vídeo, se iniciam quando assinado o TCLE, no momento e local que as participantes se sentirem confortáveis. Após a gravação das entrevistas, estas serão transcritas de forma literal, refletindo o que foi expresso oralmente. A textualização, conforme enfatizado por Garnica (2019), representa o momento em que a transcrição é refinada, corrigindo eventuais erros de linguagem e eliminando repetições. Em seguida, as perguntas e respostas são fundidas em um texto coeso, que pode ser organizado tematicamente ou cronologicamente, de acordo com as discussões.

Quando a textualização estiver concluída, ela deverá ser enviada para as participantes realizarem a leitura, para que façam correções e apontamentos no texto produzido. Se caso houver discordância, poderá ser refeita a textualização conforme os comentários da participante. Caso esteja de acordo, a participante deverá autorizar (ou não) a cessão da entrevista realizada para uso na dissertação e em outras publicações relacionadas a pesquisa, mediante assinatura da Carta de Cessão de Direitos (Apêndice 2). A divulgação das informações produzidas a partir da entrevista iniciará somente com a carta autorizada.

De acordo com Vianna (2014) e Garnica (2019), a análise das informações produzidas ocorre desde o início da pesquisa, ao escolher os entrevistados, definir a

questão geradora e estabelecer a forma de textualização, dispensando a necessidade de outros aparatos teóricos para a etapa.

Dessa forma, ao adotar a História Oral como metodologia de uma pesquisa qualitativa, a análise das informações será por meio de discussões e reflexões a partir das textualizações das entrevistas, costurando as temáticas evidenciadas com a fundamentação teórica da Etnomatemática e dos Estudos de Gênero.

5 ENTREVISTAS

Iniciei as entrevistas em 29 de janeiro de 2024, em Rubelita – MG. Foram entrevistadas Jovenila (minha mãe), Altina (tia Tininha) e Jovelina (minha avó), conforme o roteiro pré-estabelecido, o qual consta no Apêndice 1.

A primeira foi tia Tininha, entrevistada na cozinha de sua casa, num espaço que acomoda cozinha, sala de jantar e sala de costura. A descrição pode parecer muita coisa num mesmo lugar, mas o ambiente amplo e grande possibilita que esses três espaços sejam bem acomodados. O mais importante era que a conversa fosse num lugar calmo e confortável para a participante. Entretanto, senti que houve um sentimento de acanhamento com a presença do celular sobre a mesa gravando toda a conversa, de algo que seria transcrito e apresentado para outras pessoas. Esse primeiro momento durou em torno de 5 minutos.

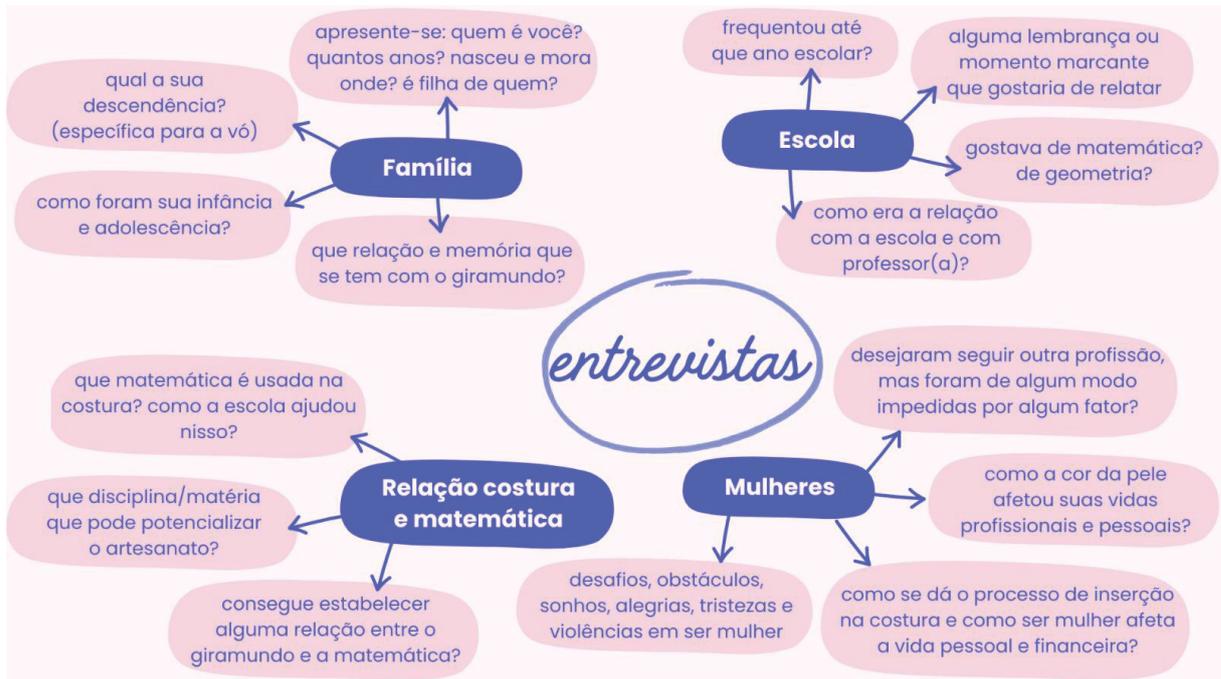
Dois dias depois foi a vez de minha mãe. Ficamos sentados no sofá da casa de minha vó, com o celular posicionado entre nós sobre o sofá. Novamente, acredito que a presença do equipamento causou acanhamento e vergonha, não permitindo que o relato fosse fluído e totalmente natural. Também durou em média 5 minutos.

Mais tarde, no mesmo dia, entrevistei a minha vó enquanto ela ensinava minha mãe a construir o giramundo, ou seja, esse é um *spoiler* de que minha mãe não sabia fazê-lo. Diferente de suas filhas, o relato foi mais natural e tranquilo, sem nem notar a presença do celular ou se achava que o depoimento poderia comprometer alguém, contando as coisas como se estivéssemos numa roda de causa. Ainda assim, a entrevista durou 15 minutos.

Volto de viagem e converso com o Elenilton sobre as entrevistas e concluí que a falha no processo era do entrevistador, no caso eu, pois eu estava mais nervoso do que elas, me prendendo as perguntas previamente elaborados e perdendo possíveis ganchos em suas respostas.

Com isso, antes de prosseguir as entrevistas com Maria das Dores (tia Dorinha) e Janira (tia Miria), elaboro um novo roteiro por meio de um mapa mental a partir de quatro tópicos: família; escola; relação costura e matemática; e mulheres. A partir de cada tópico surgiram três ou quatro perguntas, mas que ao decorrer das entrevistas poderiam surgir várias outras.

Figura 3 – Novo roteiro de entrevistas



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Após a elaboração de um novo roteiro, transcrevi as primeiras entrevistas, retomei as entrevistas e fiz as novas perguntas para as três já entrevistadas.

Em 2 de junho de 2024, viajei para Piracicaba – SP, para passar o feriado de Corpus Christi com os meus pais e minha irmã, assim aproveitei para fazer a entrevista. Na casa onde morei por 13 anos, eu e minha mãe ficamos sentados na sala de costura para a entrevista. Enquanto as falas fluíam, a máquina costurava sem parar e minha mãe fazia os caseados de uma camisa que estava fazendo para mim.

Não foi possível realizar novas entrevistas presencialmente com tia Tininha e a minha avó, pois o tempo de deslocamento e o custo elevado se tornaram impedimentos. Então, optei por entrevista-las remotamente por meio de chamada de vídeo do WhatsApp no celular, enquanto o gravador de voz do notebook estava aberto.

No meio de uma semana fria de junho, saio de Colombo – PR e vou para a Cidade Industrial de Curitiba (CIC), na casa da tia Miria. No começo da entrevista ela queria falar tudo de novo, pois achou que tinha falado feio ou errado. Ela até ficou com um pé atrás acreditando que seria uma entrevista filmada, mesmo eu garantindo que seria só a voz e que as pessoas teriam acesso a textualização de seus relatos. Por

fim, a entrevista rolou e durou quase 40 minutos, sendo a mais demorada entre as cinco.

Em 29 de junho de 2024, assim como minha mãe, também entrevistei tia Dorinha no momento em que ela estava costurando casacos na sua sala de costura. Em um certo momento ela aproveita para me mostrar materiais e revista que auxiliam na fabricação de moldes e vestimentas, os quais estão presentes nos Anexos.

Os próximos cinco subcapítulos serão dedicados aos relatos dessas costureiras de forma transcrita e textualizada, preservando a estrutura de falas de uma transcrição, mas com as devidas correções de vícios de linguagem e ortografia que uma textualização exige. Observo que os trechos destacados em negrito e itálico são as falas do entrevistador e o texto seguinte é a fala da participante. Ressalto que o uso das aspas em determinados momentos dos relatos se remete a fala de uma terceira pessoa, ao contrário do que se espera para o uso de citações diretas.

5.1 JOVENILA, MINHA MÃE

Peço para que a senhora se apresente. Fale o seu nome, quem é a senhora, quantos anos, onde nasceu, onde mora.

Meu nome é Jovenila Rodrigues Pereira, tenho 50 anos, sou filha do Seu Altino e da Dona Jove. Nasci na roça, na zona rural de Rubelita, em Minas Gerais. No norte de Minas. Morei lá até os 15 anos. Depois fui trabalhar em casa de família, na cidade mais próxima, em Salinas. Depois fui morar em Cuiabá, trabalhar em casa de família. Lá o tranco era muito pesado, então eu fui embora pra Curitiba, morar com a minha irmã. Ela trabalhava numa fábrica de costura, onde conversou com o patrão dela e ele me deu uma chance, me ensinou a trabalhar nas máquinas de costura. Eu deixei de ser empregada doméstica e virei costureira. Já morei em Salinas, Cuiabá, Curitiba, Jundiá. Hoje eu moro em Piracicaba, melhor lugar.

A família de Salinas era a mesma de Cuiabá?

A de Salinas era. Eu trabalhava na casa de uma senhora, a filha dela morava em Cuiabá, foi passear lá, gostou do meu serviço de escrava e me levou pra morar com ela em Cuiabá.

Quem que te ensinou na confecção? A senhora aprendeu fazendo?

Aprendi fazendo. Tinha o João que ensinava a trabalhar na máquina industrial, que eu nunca tinha trabalhado. Ele era o dono da confecção. A minha irmã, a Dorinha, trabalhava com ele. Daí a Dorinha conseguiu a vaga, aí eu não sabia, mas daí, aí ele se propôs me ensinar e eu, mais que depressa, abracei a chance e aprendi. Nunca tinha visto uma máquina industrial na minha vida.

Depois que eu saí do João, nós conhecemos a Dona Teresa no ônibus e ela conseguiu vaga pra mim lá no Seu Napoleão. Ela era a modelista da confecção, ela cortava tudo e falava “costura aqui, nesse pontinho”. Com isso a gente fazia a peça inteira. Ainda trabalho com costura, mas hoje é em casa, não trabalho mais com fábrica. Queria trabalhar em fábrica, porque tem mais produção.

A senhora faz roupas? Como é o processo?

Eu faço uma peça sobre a outra. Eu dobro, coloco em cima do tecido. Porque pra fazer a modelagem, precisa saber matemática, e a pessoa aqui não sabe. Então eu tenho dificuldade pra fazer a modelagem. Já paguei pra uma modelista fazer os moldes pra mim. Algumas peças que não tem como cortar uma pela outra. Igual blazer, não dá pra cortar um pelo outro, tem que ser com o molde. A camisa pra ficar bem feita, tem que ter o molde. Algumas blusinhas, regatas, vestidos dá pra fazer. Dobro e ponho em cima do outro e corto.

E se for pra fazer uma peça sobre a outra num tamanho menor ou maior?

Eu uso a fita métrica, onde entra a matemática. Eu tiro a medida da pessoa, tiro a medida do busto, da cintura e meço no vestido. Aqui eu tenho que soltar tanto, aqui eu tenho que apertar tanto, é assim que faço.

A senhora falou sobre trabalhar como empregada doméstica e depois foi para costura. Já teve vontade de trabalhar em outra profissão?

Eu tive vontade, mas não tive oportunidade.

Hoje, a senhora pensa ou tem vontade em seguir outra coisa? Pretende continuar com a costura?

Não. Hoje eu não tenho vontade de fazer nada. Já criei os filhos, filhos criados, marido tá pra aposentar e a vontade é de não fazer mais nada, só cuidar da minha casa.

A senhora acha que foi impedida de seguir outra coisa por conta do estudo?

Com certeza.

A senhora se considera uma mulher de que cor?

Preta.

Acha que a sua cor te impediu em alguma coisa? Em algum momento na vida pessoal ou profissional? Seja um ato de racismo ou algo parecido?

Não, eu acho que não. Nunca percebi. Se eu já sofri, sofri, mas não percebi.

Queria que a senhora falasse sobre alguns obstáculos, desafios, sonhos, alegrias, tristezas e/ou violências enquanto mulher.

Meu desafio maior foi sair de casa, com 16 anos, morar com os outros. Eu queria estudar. A minha vontade era estudar, então eu fui. Acreditei. Mas eu só consegui estudar depois quando eu fui morar com a Ester, em Curitiba, que eu consegui terminar a 8ª série, até então, era só a 4ª que eu tinha. Seu Napoleão me liberava meia hora mais cedo pra eu chegar na escola. Assim eu consegui terminar a 8ª série. Meu sonho era estudar. Já tentei mais tantas vezes, depois que eu parei três vezes, desisti já. Agora vou mais não. Minha alegria é você e a Luiza. E tristeza é a morte do meu pai.

Antes de ir para Curitiba, a senhora tinha frequentado a escola até que série e em que escola?

Só até os dez anos, que é a 4ª série. Estudei no grupo, lá na roça. E o nome da escola eu não me lembro mais. Acho que era Inael de Almeida Murta, na zona rural de Rubelita.

O que a senhora fez depois que terminou a 4ª série lá em Rubelita? Se mudou para Curitiba?

Fui trabalhar na roça, filho. Até os 16 anos. Não exatamente na roça, era mais em casa ajudando a mãe. Eu fui pra Curitiba e completei meus 18 anos lá. Aos 19 anos, eu comecei o supletivo durante a noite, após o trabalho. A 5ª série eu fiz o ano

inteiro, depois a 6ª, a 7ª e a 8ª foram em um ano e meio. Então quando eu terminei, já tinha 21 anos.

Tem alguma lembrança marcante, seja da escola, lá da roça ou de Curitiba?

O dia da formatura, em Curitiba. Dia do canudo do diploma. Eu achei que eu ia continuar meus estudos, mas não continuei. Eu tentei continuar, comecei o Ensino Médio em Jundiaí, na mesma época que fiquei grávida da Luiza, mas não terminei. E, em Curitiba, eu fiz o curso de Informática.

Gostava de matemática na época que estava estudando?

Não, eu gostava de Português. Sempre gostei de Português.

Mas gostava de geometria ou não viu essa matéria na escola?

Não vi, porque supletivo não passa essas coisas. Às vezes abrevia muita matéria. Supletivo abrevia muito.

Como era a relação da senhora com a escola, com professor e professora? E na roça?

Ótima. Adorava, sempre gostei. A professora da roça era que nem mãe pra nós. Ou obedecia ou caía na vara. Não é que nem hoje, não, que desobedece o professor e fica por isso mesmo. A professora chegava na sala e a gente falava “bença, dona Marlete”. Era bença. Ela dividia a sala para três séries. Uma sala só. E todo mundo obedecia. Era 2ª, 3ª e 4ª. Dava aula pra todo mundo no mesmo lugar.

Por mais que não tenha gostado de matemática, acredita que ela foi e/ou é importante no momento de costurar?

Até hoje eu não tenho curso de costura por isso. Porque eu não tenho paciência. Tudo é matemática. Pra fazer modelagem, tudo é matemática. Já tentei fazer curso de costura. Fiz uma semana ou duas. Não consigo justamente por isso. É matemática. Está ficando top as camisas.

Aproveita e fala como a senhora fez as medidas da camisa que está fazendo.

Aqui o molde é uma conhecida que fez pra mim. Então já é mais fácil. Essa camisa aqui que eu fiz pra você, eu paguei pelo molde. E quando eu não tenho molde, eu ponho uma em cima da outra e faço a costura.

Figura 4 – Camisa xadrez amarela feita pela minha mãe



Fonte: Arquivo do autor (2024).

Quando você está costurando, tem algum momento que usa matemática? Que tipo de pensamento e de matemática que está usando?

Sim. Aqui. Para fazer a casinha tem que ter a distância uma da outra. A fita métrica pra dividir o tanto. Sete centímetros de um caseado para o outro. Geralmente a casinha tem dois e meio. Mas como eu já sei só em olhar, então a casinha não meço, eu olho aqui.

Quando eu fui comprar os tecidos, eu perguntei quantos metros precisava. A senhora falou que com 1 metro e 20 centímetros dá pra fazer uma blusa de moletom. Como a senhora sabe que esse tanto é suficiente?

Porque você tira a manga com 60 centímetros. E a altura do corpo também. Então você tira numa altura o corpo e na outra altura a manga. E do lado, o pedaço se tira a manga e tira o capuz.

Mas o tecido ele tem uma largura padrão ao ser vendido, você sabe quanto que é a largura dele, mais ou menos?

Tem isso. Geralmente é 1 metro e 40 centímetros. O moletom não prestei atenção. Mas a maioria dos tecidos é 1 metro e 40 centímetros de largura.

Se sente valorizada com seu trabalho? Como a senhora calcula o preço do seu serviço?

Um as pessoas valorizam mais, outras nem tanto. Eu calculo o valor, a energia, os gastos, o preço de uma agulha, o preço da linha, o tempo que vai demorar pra fazer a barra, pra trocar o zíper, o valor do zíper. Geralmente o que eu faço mais é ajuste, então eu sigo o mercado, 10, 15, 20 reais, depende do que vai fazer, depende da cliente. Quando traz a sacola de roupas, se for bastante, eu cobro uma pela outra pra não ficar pesado pra ela. E assim eu vou ganhando, mas não enrica, não.

Mas igual aqui, por exemplo, a flanela estava custando 12 reais o metro, acho que deu 18 reais o tanto de tecido que precisava para fazer a camisa. Quanto que a senhora cobraria pra fazer essa camisa?

A pessoa dando o tecido é 35 reais. Cobro só minha mão de obra, mas a cliente tem que trazer tudo, o botão, o tecido.

E se fosse ao contrário, se a pessoa não trouxer, a senhora compra tudo?

Eu nunca fiz assim, não. Pra não pegar obrigação demais.

Eu perguntei sobre a matemática usada. Tem alguma outra forma de calcular, que a senhora usa, pra fazer alguma coisa? Por exemplo, usar dedo para medir.

Não. Fita métrica, sempre. Na costura é fita métrica. As pessoas falam “ah, dois dedos”. Dois dedos é o quê? Tem que ver quanto que é dois dedos. Às vezes os dois dedos de um cliente dão três do meu, ou vice-versa, entendeu? Não pode calcular por dedo. Porque nem todo mundo tem o dedo da mesma grossura. Então, não adianta. Não é por dedo.

A escola te ajudou nisso em algum ponto? Na questão de costura, de calcular?

Não. Costura eu aprendi fazendo. Trabalhando.

Alguma matéria da escola que a senhora tenha visto pode ajudar a trabalhar com costura? Que não seja matemática? Tem alguma outra que a senhora acha que dá pra trabalhar com costura? Alguma coisa que a senhora já tenha visto ou alguma coisa que dê pra trabalhar com artesanato?

Agora, acho que não. Cálculo? Cálculo é matemática. Eu estudei tão pouco. Não sei. É matemática só. Pra trabalhar com costura é só matemática. Não adianta. Porque tudo é matemática. Quanto você tem de cintura? Tanto. Vai, com a fita. Quanto você tem de ombro? Tanto. Pra fazer uma camisa, tem que medir tudo. Costas, ombro...

Sabe fazer o giramundo? A senhora consegue estabelecer uma relação entre o giramundo e a matemática?

Agora eu sei, porque a mãe me ensinou. Sim, porque o giramundo, se você não calcular, não fica certo. Tem que calcular certinho os lados de cada losango. Se fizer um maior que o outro, não encaixa. Tem que ser certinho. É o giramundo, é a casinha de abelha. Tudo que for fazer tem que fazer certinho as medidas, porque senão não encaixa.

Como o processo de entrar na costura e da senhora ser mulher te afeta?

Entrar na costura foi a melhor coisa, porque ou era costura ou era empregada doméstica. Que eu não tinha estudo. Então foi assim que eu fui pra costura. Antigamente, quando a gente morava na roça, terminava a 4ª série, tinha que aprender a costurar. Ia aprender o ofício da costura, aprender alguma coisa. A gente era criada pra casar lá na roça, então quando casasse, tinha que dar conta, arrumar roupa do marido e essas coisas. Predominava o machismo. Então era isso. A mulher não precisava estudar naquela época. O homem que mais precisava. A mulher precisava aprender a costurar, aprender a cozinhar, aprender a cuidar de filho, cuidar de criança.

Essas coisas afetam a sua vida pessoal e financeira?

Não. Ajudou. Criei muito bem você, não criei? Então, ajudou. Se eu não soubesse me virar dentro de casa, como é que eu tinha cuidado bem de você e da Luiza? Eu cuido bem do seu pai. Graças a Deus o seu pai ganha bem. Mas se eu precisasse bancar despesas de casa, aí sim, mas eu não preciso. O que eu ganho é pra mim. É pra um perfume, é pra uma roupa. Eu não tenho obrigação de ter despesas de casa, de pagar água, luz, essas coisas.

E antes, quando a senhora morava lá em Curitiba, que você trabalhava com costura?

Não, aí dava. Aí eu me mantinha, pois eu tinha que pagar as contas e despesas.

Por a senhora ser mulher, tinha alguma coisa que te incomodava nas relações trabalhistas e profissionais? Seja no pagamento ou coisas do tipo? Patrão ficava implicando?

Não, nunca. Eu sempre respeitei todos, todos respeitavam também.

Tinha algum homem trabalhando com vocês lá?

Só uma confecção que eu trabalhei que tinha um rapaz, que era, que fazia parte de levar as roupas no correio. Só na Beth Ferreira que tinha um rapaz.

Na costura, mesmo não tinha homem?

Tinha um alfaiate. Tanto é que eu aprendi umas coisas de acabamento de costura com ele, na Beth Ferreira. Um alfaiate, um homem. Seu Lourival, um brancão barrigudo. Era um amor de pessoa.

O João também. Era o João que cortava tudo. Era ele que cortava, ele que fazia, montava a primeira peça. Era um bom costureiro.

E o Napoleão?

O Napoleão era só dono. Só mandava. Hoje ele trabalha com remédio. Como é que fala? Representante de venda? Chega nos hospitais, nos consultórios.

A senhora sabe da descendência do vô e da vô?

Do pai, sim. O pai fala que ele era descendente de indígena. Da minha mãe, eu não sei.

Conta um pouco da sua infância e da adolescência. As coisas que a senhora brincava.

Não lembro mais não, Fabrício. Brincava de queimada, pular corda. Tomava banho de rio, de brincar dentro d'água, como é que era o nome que a gente brincava? Até esqueci. Com laranja. A laranja afundava e depois boiava. Era muito bom. A infância foi muito sofrida. Eu não gosto nem de lembrar.

Por que que foi sofrida?

Porque foi. Não tinha água para tomar banho. Eu tomava banho no rio. Às vezes não tinha água, porque o rio perto secava. Tinha que ir longe. Tomava banho, quando eu chegava em casa já estava só terra. Não gosto, não gosto nem de lembrar. Tem gente que fala “ai, saudade”, saudade uma ova. Então, até os 16 anos eu fiquei na roça. Era essa a vida aí.

Uma coisa que a senhora fala, que é chamar a tia Gilda, irmã do meu pai, de comadre. Por que comadre?

Comadre de fogueira. Brincadeira de fogueira, festa junina. A gente pega os tições da fogueira, tira um, porque não vai aguentar pular a fogueira inteira. Pega um pau daquele que tá pegando fogo, pula o tição e fala “São Pedro tá dormindo, São João tá acordado. Em testemunha de Deus, nós somos comadres”. E com isso, nós somos comadres.

Teve alguma brincadeira de cozinhar, de brincar de mamãe e filhinho?

Tinha. Tinha casinha, fogãozinho, lenha. A mãe dava comidinha, a gente cozinava no fogão a lenha. Usava panelinha, uns copinhos de alumínio. Fazia cozinha, o fogão a lenha.

Alguma brincadeira que era só pros meninos? Ou os meninos brincavam com vocês?

Bola. Se a gente fosse brincar, chamava de machão. Bola era só os meninos. Agora pular corda, queimada. Queimada era todo mundo junto. Boneca era só menina. Cozinha era só menina.

Tem alguma relação e memória que a senhora tem do giramundo? De ver a vó fazendo?

Não. A mãe veio fazer isso aqui. A gente nem sabia que a mãe sabia fazer. Que a mãe sabia fazer muita coisa. Aí depois é que eu fui passear lá uma vez e ela tinha feito, quando eu já tinha ido embora pra Curitiba. Aí voltei lá e ela fez. Fez um pra mim. Que ela sempre fez muito ponto cruz. Costura. A mãe sempre costurou nossa roupa. Ela costurava pra todo mundo. Roupa de nossos uniformes de escola, camisa branca. Jardineira azul. Era ela que costurava.

Era o ponto cruz que ela fazia. E que eu sei fazer também. O giramundo, ela mostrou os dotes depois. Quem sabia que a mãe sabia fazer? Coitada, não tinha tempo. Era a cada dois anos um filho. Não tinha tempo pra fazer artesanato. Mal tinha tempo pra costurar pras crianças.

Todas as perguntas que eu tinha aqui anotadas já foram. Tem alguma coisa que você queira falar?

Boa sorte pra você. Que você consiga o que eu não consegui na vida.

5.2 JANIRA, A TIA MIRIA

Vou pedir pra senhora se apresentar, falar quem é a senhora, quantos anos tem, onde nasceu, onde mora, de quem é filha.

Eu me chamo Janira da Silva Pereira, nascida em Salinas, Minas Gerais. Tenho 67 anos, filha de Altino Francisco Pereira e Etelvina Alves da Silva. A gente fala Salinas, Minas Gerais, mas foi porque a identidade foi tirada lá. Eu nasci mesmo foi no Córrego do Mangue.

A senhora sabe sobre a sua descendência?

Diz que é indígena pelo lado da minha avó, mãe do meu pai. Da minha mãe é portuguesa.

A senhora pode falar um pouco sobre a sua infância, adolescência?

Como que foi?

Infância? Foi boa. Foi lá em Minas. Fazenda Gramiais, no Córrego do Mangue

Tem alguma memória em relação ao Giramundo? Sabe fazer ou conhece quem faz?

Não sei. Eu tenho mais conhecimento do fuso que fiava a linha. Fiava o algodão. O meu conhecimento mais é com esse, com o fuso.

Lá na roça vocês faziam o fio? Pegavam o algodão pra fazer o fio? E como fazia isso?

Com a minha mãe. Tinha plantação de algodão, então pegava o algodão. Quase todos eles. A sua bisavó paterna com a minha mãe, que era as que faziam os fios. Pegava o algodão, tirava o caroço, batia com tipo aquele arco de índio, só que batia pra deixar o algodão mais leve. E fazia o fio na agulha pra fazer cobertor. Não era para tecido, era só para cobertor. Cobertor, toalha, toalha de banho, toalha de rosto. Tudo de linha.

Quando a senhora estudou, a senhora frequentou até que ano da escola?

Terceiro ano primário. Não terminei a quarta série. Foi em Minas. Era escola estadual... Não lembro. Era escola em casa. As professoras davam aula em casa. Não tinha grupo naquela época. A minha primeira professora era Lourdes de João de Gumercindo, o João Rodrigues. Aí depois eu saí. Como ela só dava até a segunda série, quando eu fui pra terceira, fui pra escola de Maria de Bispo, de Nuta, chamava Maria de Nuta. Você não conheceu ninguém deles? Nuta é pai de Zé de Nuta. Ele se chamava Benevenuti, mas como o mineiro diminui, aí falava Nuta.

E daí eu não fiquei na escola por muito tempo, porque o pai não quis deixar a gente estudar na cidade. Na cidade tinha.

Depois que a senhora parou ali a terceira série, a senhora fez o quê?

Aí não fiz. Fui trabalhar na roça. Carpir, plantar feijão, colher arroz, milho, quebrar milho, depois do milho seco. Colher capim, sementes de capim, que é no mês de maio até junho que a gente colhia o capim. Trabalhei na roça até os 22. Depois vim pra Curitiba e me casei aos 27 anos

Tem alguma lembrança que a senhora queira relatar da época da escola? Algum momento marcante de quando estudava? Comportamento de professora?

Comportamento de professora e de aluno, né? Era bem comportado. De 10 alunos, se tivesse um que saía do trilho, era difícil. Se aluno bagunçasse, a professora colocava de castigo, sem falar ou chamava o pai, falava pro pai “ó, teu filho não tá sendo obediente”.

Como se portava daquela época pra hoje, era muito diferente? Como que se sentava, se tinha que seguir algum costume, um padrão certinho?

Tinha! É, porque, falar a verdade, naquele tempo, pra gente sentar, era um banco pra quatro, cinco. Aquela fileira e a mesa. A mesa não, era o banco, um banco mais baixo e um banco mais alto. Então ficava todo mundo ali. Aquele mais danadinho ficava mais na frente. Ou colocava os mais tranquilinhos na frente, mais danadinho atrás, pra não atrapalhar. Porque quem não estudava, às vezes ficava atrapalhando, o outro que queria estudar, que acontece hoje também. E daí, a professora fazia isso. Mas no meu tempo até que era tranquilo.

Quando eu estudava mesmo com a Lourdes de João, ela ganhou o neném. E daí, o serviço da casa, a gente até fazia. Limpava arroz no pilão. Lavava a louça da casa dela. E quem dava aula pra nós, quando ela ficava de dieta, era o seu tio, o Cido. Não era o seu tio. O tio da sua mãe. É, tio avô. Então era o Cido que dava aula. Ele tinha uns 15 anos na época. Ele dava aula. E ela tinha neném, que lá ela não podia lecionar. Então ele lecionava pra ela. E nós fazíamos o serviço. Limpava arroz, lavava a louça.

E fazia comida também pra ela?

Não, só lavava a louça. Comida, se eu não me engano, acho que era Tuin que fazia. A Nascimento, que era sua bisavó, avó da sua mãe.

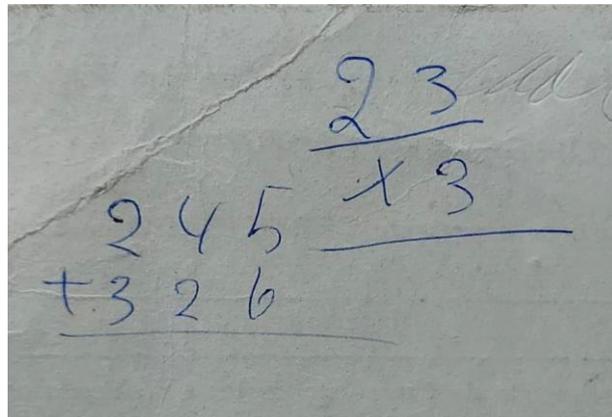
A senhora se lembra de como era a aula de matemática na época? O que a senhora aprendia, o que chegou a ver?

Aula de matemática. Eu vou te explicar. Vou copiar daí você já vai entender como é que era. Não vai?

Meu Deus. Hoje, hoje é a tal de raiz quadrada, raiz comprida, raiz não-sei-o-quê. E minha caneta não quer escrever. Daí, aqui, era assim. Eu fiz errado. Aí fazia assim, ó. Três vezes três. Colocava aqui, três vezes dois. Fazia essas continhas assim.

De mais era todos os números. No caso aqui, dois, quatro, cinco, seis aqui, dois aqui, e no caso três aqui, e daí o mais. Era assim. Olha a diferença de hoje. Eu não entendo nada daquilo.

Figura 5 – Contas da tia Miria



Fonte: Arquivo do autor (2024).

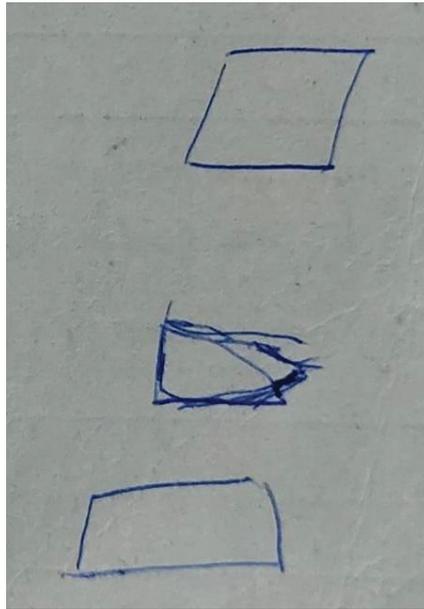
Mas eram essas contas assim, de mais, vezes, menos?

Tem com mais números na frente que essas de vezes aqui. Essa aqui que a gente se batia. Quando tinha dois números na chave. Nossa senhora. Não saía nada.

A senhora chegou a ver geometria? Figuras geométricas, perímetro, área?

Já fazia. Retângulo, triângulo, quadrado. Esse negócio de perímetro, assim, eu não tenho lembrança, não. Mas o que era geométrico, a gente sabia, que era o quadrado, o triângulo. Que é assim, ó, que desenho bonito. O triângulo aqui é três pontas, certo? O retângulo, que é aquele mais longo.

Figura 6 – Rascunho de figuras geométricas da tia Miria



Fonte: Arquivo do autor (2024).

E como era a relação da senhora com os professores? Se sentia confortável em conversar com eles?

Boa. Sim, pois era na casa. Não me sentia acanhada de perguntar, não tinha dúvidas. Também explicavam muito bem. Não era um negócio passar no quadro e deixar lá. Passava, mas explicava. E eu fiquei sabendo que tem lugar aí que diz que passa no quadro e deixa né.

E também as duas professoras, que são a Dona Lourdes e a Maria, lá também a gente ajudava. Lavava louça. Era bem uma casa da família. Antigamente, porque não era uma coisa delas sair da casa delas pra ir lecionar. Era a gente que ia na casa. E dava aula até pra mais de vinte alunos. Uma professora só. Do meio dia às cinco da tarde.

E a idade dos alunos na sala? Era tudo misturado?

Os alunos tinham de primeiro, segundo e terceiro. Uma professora só pra três séries.

Na época da minha mãe já foi um pouco diferente.

Já. Foi no grupo. Aquele grupo lá. Você sabe onde é? Acho que tá lá ainda, o grupo. Quem fez foi o Inael. O prefeito que entrou que fez. Os outros não.

A matemática que a senhora aprendeu, chega usar na costura? Como é essa relação, pra senhora, entre matemática e costura?

Sempre usa. Porque tem as medidas. E daí tem a metade. Tem um quarto, que a gente dobra a fita. Para saber quanto que vai ser aquela metade. No caso, se dá 80 centímetros. A cintura, você dobra a fita e dá 40 centímetros. Aí você mede aqui e tira essa... A primeira parte da roupa. Que faz a frente. Deu 40. Mede as costas. Também é 40.

Mas a matemática que a senhora aprendeu na escola, de certa forma ela te ajudou na costura?

Não. Acho que independente. É a fita mesmo. Usar caneta, não. Só pra anotar. No caso, o número da pessoa. Sabe? Que a gente tira da cintura, do busto, do ombro, comprimento de manga, comprimento da roupa. Mas isso aí, a medida era na fita. Então não era exatamente você calcular fazendo conta na ponta de lápis.

O uso do dedo. Quando alguém chega e fala para ajustar a calça dois dedos. A senhora usa esse sistema com dedo?

Eu uso, mas com os dois dedos eu meço também a fita. Põe a fita nos dois dedos, eu já sei quantos centímetros que vai dar. Pra eu diminuir ou aumentar. Mas as pessoas falam isso mesmo. Porque eles não sabem falar em centímetros, então eles falam no "ah, ajusta pra mim dois dedos".

A senhora mede os dois dedos da pessoa?

Do meu mesmo. Aí depois pra ficar melhor a gente mede a fita no dedo e sabe quantos centímetros deu o dedo. A largura. Que não é do dedo comprido, de comprido. É na largura dos dois dedos. No caso aqui o meu dá três centímetros. Três centímetros eu acho. É quase quatro. Então é assim.

A senhora acha que tem alguma matéria assim da escola que dá pra trabalhar com costura?

Tem. Eu vou no estoque ali. Eu vou ver se eu acho minha matéria aqui.

A senhora consegue fazer alguma relação entre o giramundo e a matemática? Apenas observando o objeto, sem ter feito.

Eu acho que é medida. Tem que medir pra cortar, pra dar certo nas pontinhas. Então eu acho que a matemática é a mesma coisa.

Já quis seguir alguma outra profissão, mas que a senhora foi impedida por algum motivo?

Desde criança eu queria ser costureira. Acho que eu tinha uns 8 anos, eu cortei um cobertorzinho e fiz uma calça comprida. Costurei a mão. Ainda chamava cobertorzinho de louco. De doido, lá em Minas. Porque era muito pequeno, pra pessoa se cobrir com aquilo. Aí cortei aquele cobertor, fiz a calça, não passou. Não subiu nas pernas. E fazia roupinha de boneca, fazia boneca de pano.

E com 12... Eu não falei que perdi minha mãe com 7 anos. Com três anos da minha mãe falecida, meu pai casou de volta. Três meses.

Mas se a senhora tinha 7 anos, o tio Zé Amadeu e a tia Lieta tinha quanto?

A Lieta tinha 5, o Zé tinha 4. É a diferença de um ano e pouquinho entre nós. Nenhum era bebê, porque quase o bebê morreu junto.

Morreu uma menina com dois anos. A minha mãe ganhou um neném, mais ou menos um ano depois que a menina morreu. E o menino morreu com sete dias de nascido. Com quatorze dias, a minha mãe faleceu.

Ela estava em dieta. Fala que foi derrame cerebral que deu nela depois de uma carne de porco que ela comeu. Deu um soluço nela, um soluço. Que ela pediu água e tomou aquela água e não desceu. Já pediu pra ir pra cama. Pai a deitou lá, só saiu morta. Adoeceu, eram 4 horas da tarde, morreu 4 horas da manhã.

A carne que ela comeu, uma pessoa levou, foi visitar ela de dieta e levou uma vasilha de carne. Naquelas latas antigas. E ela cheirou a carne e falou que a carne estava cheirosa. Acho que o pai até falou “não, você não pode, está de dieta, você vai comer essa carne gordurosa?” Aí ela comeu. E acho que deu foi derrame cerebral nela. Aí umas quatro horas da manhã ela faleceu.

Daí o meu pai se casou dali três meses. Aí eu fui crescendo. Com doze anos, a minha madrasta, que é a sua avó, cortou um vestido pra eu costurar, porque ela viu

o meu interesse pela costura. Ela cortou um vestido, eu fiz pra mim. A partir daquele tempo, com doze anos, eu já comecei a costurar.

Quando a senhora falou que veio embora com 22 anos, veio sozinha pra cá?

Eu fui pra Belo Horizonte. Eu vinha pra cá, daí fiquei em Belo Horizonte, porque um primo pediu pra eu ficar lá, que a mulher dele ia ao médico. Tinha um tratamento pra fazer e não tinha quem ficasse com as crianças. Aí ele pediu que eu ficasse lá, que depois me trazia pra Curitiba. Fiquei lá três meses, em Belo Horizonte. Depois ele me trouxe aqui. O irmão da Nadir, conhece a Nadir? O irmão dela mora em Belo Horizonte, Abdias, ele já foi lá em Minas. Ah é, mas você não estava lá. Foi ele que me trouxe aqui.

O tio Valdir, como a senhora conheceu e foi casar?

Depois de muito tempo conheci o Valdir. Cheguei aqui com 23, conheci o Valdir com 26 anos. Acho que eu tinha 26, quando eu o conheci. Um ano e meio quase, de namoro.

E, ainda, sobre a costura, eu com muito perrengue, pelejo, meu pai deixou ir pra Salinas pra aperfeiçoar o corte de costura. Eu ia encontrar e mostrar, que as escalas, com a numeração que você tira na pessoa com a fita, você pega aquela escala e vê aquele número lá que deu aqui na cintura, pega aquela escala pra fazer o traçado da roupa que você vai fazer na pessoa.

E essa escala já vem certa no livro?

Certinho, certinho. Só deixa o espaço pra costura. Daí economiza tecido, porque as medidas já está tudo certinho ali.

Explica mais ou menos o tanto de tecido que precisa também?

Explica.

A senhora acha que ser mulher, assim, a senhora ser uma mulher, afeta a vida da senhora pessoal ou financeira? Teve algum momento?

Não, nada.

Pra trabalho, por exemplo, a senhora sempre trabalhou em casa com costura?

Não, já trabalhei fora.

E no serviço que a senhora trabalhava fora, era tudo mulher ou maioria mulher e tinha homem também?

Não, tinha só os ajudantes de meninos, só em uma firma que tinha um ajudante. Pra pegar os tecidos, sabe? Na costura não tinha nenhum costureiro. Eram todas mulheres. Na outra também, todas mulheres.

Queria que a senhora falasse um pouco também sobre os desafios, obstáculos, sonhos, alegrias, tristezas, violências que teve em algum momento da sua vida.

Mais feliz do que triste. Tristeza, no caso, no tempo da minha mãe. A minha mãe faleceu, mas eu era pequenininha, então eu não... Eu estava mais brincando com sete anos do que com sentido no que tinha acontecido.

Comigo não tinha muita tristeza não, graças a Deus. Momentos felizes, acho que nascimento dos filhos. E quando eu comprei a casa. Meu Deus, acho que eu não acredito até hoje.

Eu comprei a casa, já tinha o quê? Mais de 30 anos que eu morava em Curitiba, quase. Tinha uns 28 anos que eu já morava aqui. Faz 44 anos que eu estou aqui. Ainda falta quase 3 anos pra pagar a casa. Eu comprei em 20 anos.

Eu comprei a casa em 2006. Em 2024 faz 18 anos que comprei a casa.

Mas eu tenho uma lembrança que a senhora já morava aqui antes de 2006. Onde você morava?

Eu morava aqui mesmo, mas não era minha. Eu morava aqui desde 1986. Estava no aluguel. Daí a dona faleceu, aí fiquei morando. Os herdeiros resolveram vender. Aí o dia que o homem veio oferecer, acho que eles viram que eu amarelei. “Meu Deus do céu, como? Oferecer pra nós? Pra mim?” Pois é, nós éramos os primeiros a serem oferecer, que se interessa a comprar. Daí eu amarelei, falei “meu Deus, aonde que eu vou agora? Com esse monte de cliente, mudar de endereço?” Com tanto cliente que eu tinha, né? Graças a Deus deu certo.

O que a senhora faz da costura?

Ah, eu faço quase de tudo. De tudo. Blazer, calça masculina, feminina, vestido, vestido de festa. Agora que eu não faço muita coisa, porque eu fiquei velha. Fica velha e você fica com a cabeça... uma coisinha de nada. Então agora é só costurinha mesmo, os consertos. Mas já costurei muito, costurei 46 anos.

Às vezes não tinha nem domingo. Eu atendia cliente, vinha buscar no domingo, fazia roupa no domingo pra entregar na segunda. Graças a Deus venci.

O valor que a senhora cobra, a senhora acha que era um valor justo pra senhora? Ou o que a senhora cobra ainda hoje? Cobra muito barato?

Hoje eu não cobro. Vou dizer que não. Eu faço só pra não ficar parada. E eu cobro pouquinho coisa nos consertos. E na época, eu não sei se é porque eu costurava bem ou que era barato a minha costura, porque eu tinha bastante clientes. Então, aí fica numa dúvida, se era porque eu costurava bem que vinha o cliente ou porque era um preço bem acessível?

Porque o bairro aqui era mais pobre naquela época, nos anos 90 aqui no CIC, na Vila Nossa Senhora da Luz. Agora não, modificou muito. Muita gente aqui dentro nem mora mais. Venderam e quem mora são outras pessoas.

Além do valor, acredita que o seu serviço é valorizado? A senhora se sente valorizada? Sem ser em questão de dinheiro.

Acho que sim. Não tenho bem certeza não, mas eu acho que dá.

E ninguém fez algum comentário assim que a senhora sinta que foi desvalorizada?

Não. Pelo tanto e o tempo que eu trabalhei, não. Às vezes pintava alguém dizendo que não gostou da roupa, que não tá boa. Agora tem pessoas que vem, “nossa, cobra só isso, lá embaixo tá tanto pra fazer uma barra”. Ainda fala assim, hein. Foi lá e cobrou tanto, ainda não fez bem.

Quer falar mais alguma coisa?

Outra coisa que eu ia falar, que eu acho que o estudo hoje está muito diferente. Eles não, parece que não estão aplicando muita coisa do que é o Brasil.

O que é estado, é município, é coisa, não tem isso, não é?

Explicação de cada coisa?

Não, o estudo, assim, de copiar e você decorar pra falar lá na frente da professora. Não tem, porque o meu menino falou que não tem.

Enquanto eu estava na escola mesmo, a gente ainda decora algumas coisas, mas eu sinto que com o tempo foi diminuindo, sabe?

Eu tinha uma aula de ponto, na minha época. Era uma página inteira, assim, escrita. E você tinha que decorar pra falar na frente da professora, sem ler. Sem ler o papel.

E esse papel era o quê?

Era as capitais do Brasil. Tinha mais outros negócios lá, que agora eu não lembro. E aí, a gente tinha que decorar. Se não decorasse, estava ruim. Acho que era pra abrir a mente da criança. Agora, hoje é celular, tudo que quer vai lá no celular, já acha.

5.3 ALTINA, A TIA TININHA

Eu vou pedir pra senhora se apresentar. Falar o nome da senhora, quantos anos a senhora tem, onde a senhora mora, nasceu onde, é filha de quem.

Meu nome é Altina, conhecida por Tininha costureira. Nascida em 9 de março de 1971, estou com 53 anos, casada, mãe de 5 filhos e tem 13 anos e 4 meses que eu uso marca passo no coração. Não costuro como eu costurava antes, talvez eu costure mais pouco agora.

Nasci lá no Córrego do Mangue, no município de Rubelita. Antes eu morava na roça e agora, depois que coloquei o marca passo, moro em Rubelita. Sou filha de Jovelina Rodrigues de Almeida Pereira e de Altino Francisco Pereira, o seu Tinô.

Vou perguntar um pouco para a senhora da sua infância, da adolescência, se a senhora lembra como que era.

Minha infância foi muito boa lá na roça, criada no quintal, tinha todas as frutas, pescava muito peixe, lambari, traíra. Tinha leite tirado da vaca no curral, comíamos muito milho cozido, beiju de massa, beiju de milho.

Beiju de massa é o que? É de mandioca?

Beiju de massa é de mandioca. Meu pai fazia farinha. Então eu comia muito beiju com melado de cana.

Trabalhei desde pequenininha. Aprendi a contar os números trabalhando na roça, plantando feijão e milho.

Como que a senhora aprendeu a contar números na roça?

Pai ensinava a contar os caroços de feijão e os caroços de milho pra plantar, pra pôr na cova, foi contando, milho e feijão. Põe na palma da mão e falava que é quatro. Quatro na cova. Aí aprendi a contar os números. Eu só estudei até a 4ª série. E eu não troco minha 4ª série de antigamente para o 3º ano de hoje. Não troco. Porque eu já vi aluno de 3º ano aqui que não sabe quantos ovos é uma dúzia.

Eu sempre lia as palavras compassado. Hoje eu leio na igreja, estou cantando, mesmo com marca passo no coração, refluxo e ainda tem fôlego para cantar.

A senhora frequentou a escola até a quarta série. Isso lá foi na roça? Quem que dava aula pra senhora?

Na roça, lá no Córrego do Mangue, quatro anos de escola só, com a Dona Marlete.

A senhora tem uma lembrança assim de como que eram as aulas, como que era a escola?

Não tem nem comparação com as de hoje. Era muito boa as aulas, bem ensinada, menino não fazia bagunça dentro de sala. Respeitava a professora. Hoje em dia, menino não está respeitando a professora. E caminhava ainda, viu? Caminhava uma boa distância de casa até na escola.

Não tinha merenda naquela época, a gente tinha que fritar um ovo, fazer a farofinha e colocar no pote de margarina. Levava cana descascada, laranja descascada. Quando o pai matava porco, fazia aquela farofinha de carne, colocava naquela margarinhinha de 250 gramas pra levar.

Quando a mãe fazia biscoito, levava uns pedacinhos num saquinho de plástico, carregava os cadernos dentro do embornal ou então dentro de um saquinho de açúcar de 5 quilos. Hoje as crianças têm tudo na mão, ônibus pega na porta de casa, as bolsas chiques pra carregar o caderno, o governo ainda paga livro e não quer estudar. Naquela época não tinha essa oportunidade, não tinha o livro, a gente não ganhava livro e caderno, estudava e era só nota boa. A própria professora que passava a matéria pra nós.

A senhora lembra como que eram as aulas de matemática? A senhora gostava de matemática?

Eu passei matemática. Mas eu era obrigada a estudar tabuada. A professora tomava a tabuada, tinha que falar todinha a tabuada. Se não falasse, ficava de castigo, em pé na parede, com os braços abertos. Eu sabia a tabuada todinha, mas eu não sabia fazer conta, que eu não sabia levar os números. Não entrava na minha cabeça. E agora eu já sei fazer. Se me dar um dinheiro para dar um troco, eu já sei quanto tem que voltar. Só de cabeça, já aprendi de cabeça. Mas não tem comparação as aulas de antigamente com as de hoje. Os meninos estão formando o 3º ano aqui sem saber tabuada.

A senhora teve aula de geometria?

Não, nós só tínhamos na época era matemática, português, ciências e, naquela época, chamava de estudos sociais, que é a geografia hoje. Então, eram só essas matérias. Essa matéria não tinha, não.

A senhora falou da dona Marlete e a mãe já falou dela, também. Como que era a relação com ela? E com a escola?

Era boa demais. Até depois. Até pouco tempo antes dela morrer, eu ia na casa dela. Chegávamos na casa dela, na roça... Primeiro, a aula era na casa dela, que era no Rio Salinas, depois que fez um grupo no Córrego do Mangue. Mas quando era na casa dela, que era no Rio Salinas, aí nós chegávamos mais cedo, nós ajudávamos a fazer o serviço da casa. Eu e umas amigas minha, nós chegávamos e varriamos a casa pra ela, íamos buscar água no rio, pra encher as vasilhas da casa. Lavávamos a louça pra ela enquanto dava o horário da escola e ela falava “ô meninas, vem aqui me ajudar!” Nós colocávamos os cadernos em cima do banco, porque era um banco

mais baixo e um banco mais alto, não era carteira. Então nós juntávamos uma turma, varria a casa, lavava as vasilhas e buscava água. Ela tinha uns meninos pequenos na época, tinha quatro meninos pequenos.

Era bom demais. A minha infância foi boa demais. Brincava muito de queimada, de rouba bandeira... Eu gostei muito minha infância. Hoje os meninos não brincam, só quer ficar com o telefone na mão. Não brinca, não sabe de nada hoje, não sabem história, não conversam um com o outro. Senta aquela turma de meninos e você não vê um contando uma historinha, nem um causo, é só telefone na mão. Nós não, nós já juntávamos uma turmona, ia contar causo, brincar, rir até umas horas

A senhora tem alguma memória do giramundo? De ver a vó fazendo?

Eu já vi a mãe fazendo isso muito. Cortando o papelão, os pedaços de pano e prendendo os panos no papelão. Agora, eu fazer mesmo, nunca fiz, mas vou tentar. Eu bordava também, eu fazia crochê, só que depois que minhas vistas ficaram fraca, eu não bordei mais não.

A senhora via a vó fazendo o giramundo lá na roça ou aí já depois que ela foi pra cidade?

Desde a roça. Eu aprendi a fazer ponto cruz, foi.

Com quantos anos?

Eu era mocinha nova. Uns 15, mais ou menos. 14 anos, 15 anos, mais ou menos. Mãe falou “faz ponto cruz, Tina”. Falei “como é que é?” Ela foi e me ensinou. Agora o giramundo, eu nunca fiz isso, não. E o crochê também, eu aprendi olhando para os outros fazerem. Como mãe não fazia, eu vi os outros fazendo. Eu não fazia esse crochê também. Eu comprei uma agulha e aprendi a fazer. Ninguém nunca me ensinou. Eu era uma pessoa que fazia assim e aprendi. É que a gente presta atenção. Tudo que você vê a pessoa fazendo, você presta atenção e aprende.

Querida que a senhora falasse um pouco sobre a sua relação com costura. Como e quando a senhora começou a costurar?

Aprendi a costurar com 15 anos. Eu aprendi lá em Salinas. Foi na mesma época que eu fiz o ponto cruz e na mesma época eu já embainhava os pontos e já

fazia os bordados. Uma mulher que ensinava a costurar. Era um curso pago por mês. Depois disso, eu fui costurando sozinha.

Antes eu costurava por molde. Depois eu não tive mais paciência de mexer com molde e eu corto por outra roupa. Coloca a roupa em cima do tecido e corta.

Comecei a trabalhar, e naquela época só tinha aquela maquininha antiga, com pedal e que só costurava. Um dia eu comecei a comprar máquina e na época a Dorinha me ajudou.

Hoje eu costuro com três máquinas. Eu tenho a de pedal, que eu mexo com roupa jeans, que é mais grossa. Tem a costura reta, que é mais tecido fino. E tem a *overlock*, que faz o arremate da roupa.

A senhora fazia roupa e conserto?

E conserto. Faço roupa, faço blusa, camisa, shorts, saia, vestido.

Quando eu comecei a costurar, eu tirava pelo molde, tirava a medida do corpo da pessoa, e ia desenhar o molde no jornal. Depois que eu tive meus meninos, eu não tinha tempo, porque o tempo que eles iam dormir, não dava tempo de tirar o molde e costurar. Então já ia direto pra roupa no tecido, não tirava mais o molde. E com isso eu acostumei a cortar por outra roupa, não faço mais molde.

Que forma de calcular as coisas que a senhora usa pra costurar? Pra fazer qualquer coisa, para o tanto de botão, linha, tecido...

Pra medir é a fita métrica. E a pessoa fala “Tininha, que tanto tecido dá uma blusa?” Eu falo que depende da blusa. Se for de manga comprida, é 1 metro e meio. Se for de manga curta, é 1 metro. A calça, mesmo jeito. Bermuda, mesmo jeito. E tanto de tecido dá uma bermuda. E vai dependendo do tamanho da bermuda. Se for mais curta, são tantos centímetros. Se for maior, são tantos centímetros.

E como que a senhora sabe que é 1 metro e meio certinho pra fazer uma manga comprida?

Eu sei, porque eu já fiz. Porque é uma os braços que é comprida. Então, tem que ser 1 metro e meio pra fazer uma camisa de manga comprida. E uma calça pra fazer bolso tem que ser, depende da pessoa é 1 metro e 20 centímetros ou 1 metro e 30 centímetros, sem bolso e se for uma pessoa mais baixa dá.

E se fosse para fazer uma peça maior?

A pessoa tem que trazer o tecido e a medida. Fala assim, eu quero por essa medida aqui, aí eu já corto o tecido e faço igual aquela lá.

Mas, por exemplo, eu tenho essa camiseta aqui, eu quero uma maior. Como a senhora faz?

Mede o centímetro que quer maior. Aí coloca maior, ou então mais folgada. E já não é mais por centímetro, é por dedo. Quero maior quatro dedos. Quero mais folgada quatro dedos. As pessoas falam assim. Não é o centímetro. Então já vai pros dedos.

A matemática que a senhora aprendeu na escola te ajudou a costurar, no dia a dia ou em outro serviço?

Sim, hoje eu falo pra pessoa, se eu arrumar uma roupa, eu falo quanto que é e já sei quanto tenho que voltar de troco pra ela, eu não preciso nem fazer conta, já sei de cabeça. E tem umas pessoas que precisa de calculadora, eu não preciso de calculadora, eu vou de cabeça mesmo. Tem gente que fica matutando, eu não preciso de calculadora pra fazer conta.

A senhora já trabalhou em algum outro lugar como costureira?

Não. Só em casa.

E costurava como renda ou hobby?

Como renda, pra ajudar na despesa da casa. E costuro até hoje. Hoje eu costuro menos, depois que eu coloquei o marcapasso.

Já quis seguir uma outra profissão em algum momento?

Não, porque pra ter outra profissão eu tinha que ter estudado e eu não estudei, pois só estudei até a 4ª série. Que profissão que arruma só com a 4ª série?

Eu tenho muitas profissões. Aprendi a fazer de tudo na roça. Eu sei cuidar de galinha, de horta, de planta, costurar, fazer comida, biscoito... Eu sei muita coisa. Fui criada trabalhando na roça, fazendo de tudo, então eu aprendi. Esticava arame e fazia cerca mais pai. Pegava vaca e até leite eu tirava. Pai saía e eu tirava leite, porque as vacas não me estranhavam.

A senhora falou que não continuou os estudos, mas a senhora teve vontade de continuar?

Sim, eu tinha vontade de estudar. Na época que eu passei lá na roça pra 5ª série, naquela época tinha pouca gente pra estudar aqui e o pai não deixou. O pai falou que mulher não precisava estudar não, e eu tinha muita vontade de estudar, eu era inteligente, só tirava nota boa. Aí depois que eu vim morar aqui, as pessoas falavam para estudar. Eu não vou estudar mais, não. Tinha menino pequeno, não vou estudar não. Uma mulher falou comigo pra estudar. Estudar mais para quê? Estou velha já, eu não arrumo serviço mais para ganhar mais e eu sei escrever. Isso é mais pra quem é novo, pra arrumar um serviço melhor. Eu não tive a oportunidade de estudar, então, agora eu estudo mais não.

A senhora acha que a cor da pele da senhora de certa forma te impediu de alguma coisa? Em algum momento a senhora sofreu algum preconceito?

Meu filho, naquela época nós não se importava com isso, não. Hoje que os meninos são besta, xinga eles e adoce. O que mais xingava a gente era nego preto, tição, urubu, canela de sabiá. Hoje em dia, fala isso pra ver. Xinga a pessoa de nego preto pra ver. Xingava a gente, mas não importava não. Mas desde pequeninha que eu sofria com isso aí, porque eu era bem moreninha.

Gostaria de saber sobre os desafios, obstáculos, sonhos, alegrias, tristezas.

Tive um monte de desafio. Muito obstáculo, muita tristeza, muita alegria, mas só que a gente não pode é abaixar a cabeça. O meu sonho eu já realizei, Deus me ajudou. Eu tinha uma vontade de morar numa casa que tivesse espaço pra plantar e e eu já consegui a casa. Mas a gente não pode abaixar a cabeça, não. Tem que ser firme. Eu já passei por tanta coisa, Fabrício do céu. Antes de pôr o marca passo, que eu não sabia o que era, morri e vivi várias vezes.

Depois que a senhora colocou o marca passo, tem algum cuidado especial que precisa ter?

Tem, o cuidado que tem que ter. Eu não posso levantar muito peso, tenho que cuidar pra não levar choque e se tiver relampejando, tenho que ficar dentro de casa,

não posso ficar lá fora. E eu tenho, de 4 em 4 meses, passar no médico pra ver a bateria, pra ver como é que está.

Tia, uma coisa que eu deixei passar aqui, a senhora sabe qual é a descendência do vô e da vó?

Do pai é índio e da mãe ela falou esses dias atrás, mas esqueci. Agora de pai, a bisavó dele foi pega no mato, ela era índia.

Tem alguma coisa que a senhora quer falar? Que eu deixei passar? Que a senhora tem vontade de falar?

Não.

5.4 MARIA DAS DORES, A TIA DORINHA

Eu vou pedir pra se apresentar, falar quem é a senhora, quantos anos tem, onde nasceu, onde mora, é filha de quem.

Então, eu sou Maria das Dores, sou costureira há 26 anos, acredito eu. Sou de Minas Gerais, nasci em Salinas, vim pra Curitiba há muito tempo. Eu gosto de costurar e a minha profissão é costureira. Trabalho numa empresa em Pinhais. Eu faço todos os tipos de peça no social, como calça masculina, paletó, casacos de lã, blazer, camisa feminina, vestidos femininos, tudo na área de uniforme executivo.

A senhora nasceu em Salinas e veio pra cá, pra Colombo, pra Curitiba, como foi?

Eu vim pra Curitiba com 17 anos de idade. Fui trabalhar numa confecção de uniformes e estou na costura até hoje. Fiquei um tempo trabalhando em casa, prestando serviços pra fora. Agora, janeiro desse ano, eu voltei a trabalhar fora de novo.

A senhora pode relatar como que foi a sua infância e adolescência?

A minha infância e a minha adolescência foram na roça. Tenho boas lembranças, sim. Tiveram situações difíceis que a gente encarou, mas, assim... Era bom. O tempo de infância e adolescência na roça era muito bom.

Se lembra das coisas que brincava? Ou não brincava? Como que era?

Brincava. A gente brincava de pega-pega, queimada, de esconder, tomar banho de rio, pular amarelinha, pular corda. Era muito bom. Então, tinha muitas brincadeiras.

Como era a relação com a família e parentes na roça?

A gente se dava bem com todo mundo lá. Nunca tinha intriga entre a gente, não. Então, era muitos vizinhos próximos e a gente se dava bem com todo mundo.

Que relação e memória a senhora têm com o giramundo que a vó faz?

Eu não aprendi, mas a mãe faz até hoje o giramundo. Ela também faz ponto cruz. Na verdade, eu aprendi só a costurar mesmo. Eu via a mãe fazer lá na roça. No tempo que ela tinha, ela fazia o giramundo e costurava.

Até que ano da escola que a senhora fez? E em que escola?

Eu fiz até a 6ª série só. Eu fiz no... Qual é o nome daquele ginásio lá de Rubelita? É Escola Municipal Avelino Miguel de Almeida. Fiz lá, até a 6ª série e eu não estudei mais.

A senhora tem alguma lembrança, alguma memória marcante dessa época?

Dificuldade de ir pra escola. Ter que sair de casa as 3 horas da manhã, pra entrar na aula 7h20, andar a pé com chuva e atravessar rio com bastante água. Saía da escola dez pra meio-dia, chegava em casa 2 horas da tarde. Essa era a dificuldade que eu encontrei pra estudar. Por isso que eu me desanimei. Aí eu não me encorajei mais a ir. Isso que me tirou da escola.

E depois que a senhora veio pra Curitiba?

Depois que eu vim pra cá, eu tive que encarar serviço. Fui trabalhar e não tive oportunidade, não tive coragem de encarar escola numa cidade grande, sem conhecimento e sozinha. Por isso que eu não continuei mais estudando. Muita dificuldade.

Na época que a senhora estava estudando, quando fez até a 6ª série, gostava das aulas de matemática?

Não. Eu não tinha uma boa nota em matemática, não. Geralmente era nota baixa, não tinha nota alta. Tinha dificuldade em matemática, no geral. Problemas, frações... Tudo.

Se lembra de ter tido aula de geometria?

Não lembro. Geometria? Mas acho que tinha sim. Agora pra eu lembrar...

Como que era a relação da senhora com a escola e com a professora?

Muito tímida. Acho que isso também até dificultou meu aprendizado, porque eu era muito tímida. Vergonha, medo, parece que sei lá. Timidez, vergonha, medo de errar.

Teve aula no grupo na roça? Quem te deu aula?

Tive. Até o 3º ano. Do 4º ano até a 6ª série³ eu fiz lá na Rubelita. No grupo eu tive aula com a dona Marlete e dona Maria de Bispo. Essas duas professoras que eu tive aula na roça. Agora lá em Rubelita foram várias.

Relacionando a matemática com o serviço da senhora, que matemática que a senhora usa pra fazer as coisas e de que forma?

Brício, é tudo na fita métrica. A matemática que eu uso na costura é só a fita métrica e não uso mais nada. É tudo na medida, não tem outra coisa. Aí soma e diminui.

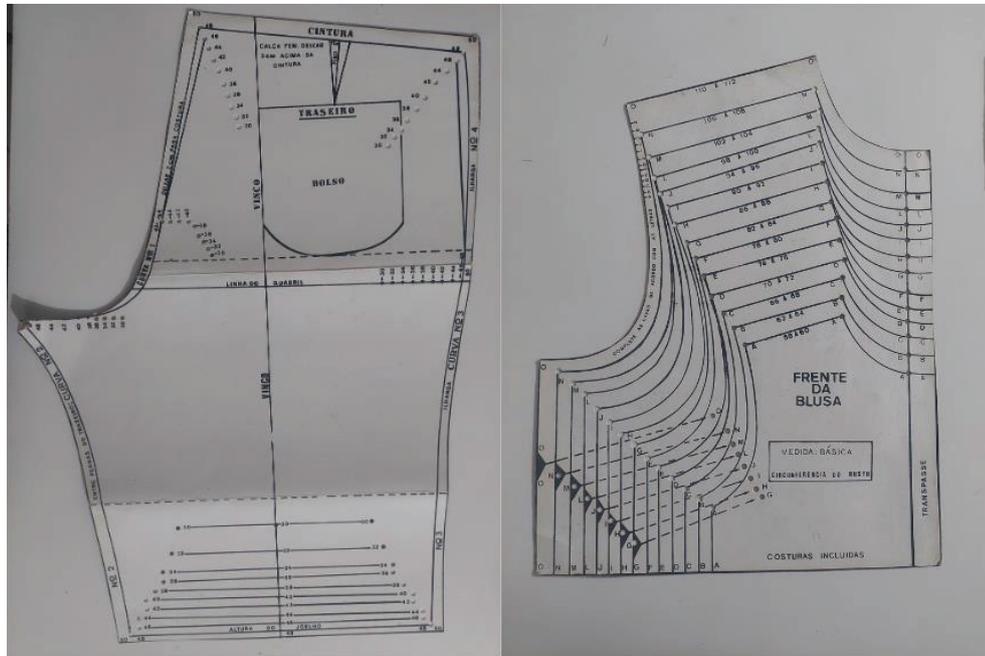
E pra fazer um molde, por exemplo, a senhora sabe fazer molde?

Não. Eu aprendi a traçar, mas hoje não mais. Tem umas revistas de escala. Tem que ter as réguas, as escalas, o esquadro. Tem tudo isso, mas eu não tenho esse material. O material que eu usei pra fazer molde é outro. É um molde que você

³ Ao mandar para a tia Dorinha ler e corrigir, questioneei sobre as séries quando ela estudava. Ela me relatou que naquela época, em Rubelita, era do 1º ao 4º ano (correspondente ao 2º ao 5º ano de hoje), 5ª a 8ª série do Ginásio (6º ao 9º ano de agora) e 1º ao 3º grau (Ensino Médio).

pega a numeração e faz. Você conhece esse molde? Mas ele era diferente desse aqui. Eu aprendi com esse. É um molde assim.

Figura 7 – Moldes de calça e frente de blusa



Fonte: Arquivo do autor (2024).

Esse aqui é o molde da calça, que tem toda a numeração que você quer, tem do 30 até o 48. Aqui, costa da calça. Aqui é o corpo de camisa, de blusa, de vestido. Você pode usar pra qualquer peça. E aí também, tem a numeração toda aqui. Cadê? Mas aqui não diz o tamanho que vai até onde. É que lá vai do 30 até o 48. Esse aqui vai qual? Enfim.

Isso aqui é a medida de onde? Que é do ombro?

É, daí você vai procurando. Você pega a medida da pessoa e vai ver em qual numeração que ela vai encaixar aqui, se é no P, se é no M. Tem A, B, C, D, E. Então, você vai ver. Se é o pequeno, você encaixa no A. Um pouco maior, que é o 32, você vai no B. Daí, conseqüentemente, até chegar na numeração que tá na medida da pessoa. Aqui a manga também. Aqui a manga longa, manga longa de blazer. Tá aqui. Essa aqui é manga curta. Esse aqui é o esquadro que você faz as curvas, os decotes. Aqui a gola. Esse aqui é o pé de gola, pra montagem. Esse aqui é os acabamentos das cavas. Esse aqui é punho. Esse aqui é a outra manga, a parte menor da manga

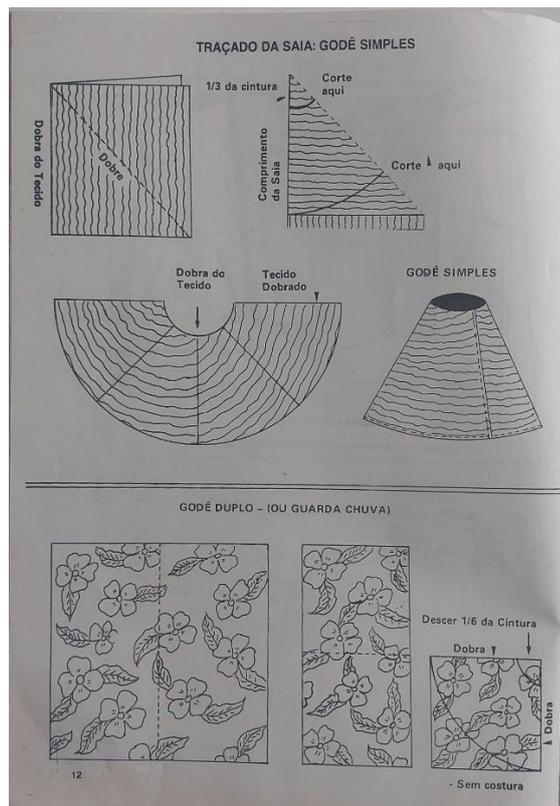
do blazer. Aqui tem as outras... Aqui as escalas de numeração. Com essa escala aqui, você vai achar a medida cintura, quadril, lateral da camisa. Tudo você acha aqui com essas numerações. Aqui também tem auxílio de cava. Se você quer fazer uma cava mais arredondada, mais cavada, tem esse moldezinho aqui. Aqui é a gola, a frente, gola italiana. Já tá inteira aqui. Você pode cortar, pra fazer o fechamento aqui atrás. Aqui tem mais costas da camisa. Isso aqui é uma circunferência do busto. Costuras incluídas já. Esse aqui é outro molde. Esse aqui é da frente. Então, tem toda essa modelagem aí.

Isso aqui é a revista de corte e costura. Depois, se você quiser estudar melhor, tá fácil. Tudo aqui.

Será que era isso aqui que a tia Miria estava caçando lá? Ela não achou.

Pode ser. Ela me deu faz tempo. Olha o traçado. Aqui diz, saia calça 10. Você vai procurar, acho que lá, como é que faz o traçado. Tá vendo aí? Aqui ensina fazer o traçado. Isso aqui, olha as medidas. Aqui tem as medidas do manequim, de 4 a 6 anos, de 8 a 10 anos, de 12 anos, 14 anos. Aí você vai achando. Tem que estudar bem certinho isso. Então é isso. Ensina como ele vai fazer traçar o molde. Esse aqui é pra macacão. Tá vendo? O risco. Essas peças que eu te falei são usadas assim, pra você fazer o gancho da calça. Como fazer, usar, fazer o uso. Olha aí os desenhos. Godê. Gola esporte americana. Olha como que ela é. Tá vendo o caimento da gola? Gola assentada. Tudo o jeitinho das golas. Como você dá uma pence na peça. Você abre o molde. Daí a hora que você cortar o tecido, do jeito que tá aqui depois, você fecha pra fazer a pence. Então é isso. A manga raglan. Hoje em dia não se usa mais isso aqui. Quem, na verdade, quem mais usa esse tipo de coisa é só a modelista que vai traçar a modelagem, mas, na verdade, na costura poucas pessoas usam.

Figura 8 – Como fazer uma saia godê



Fonte: Arquivo do autor (2024).

Pensando nessas coisas de costura e artesanato, será que tem alguma matéria, alguma coisa na escola que dê pra trabalhar com isso? Será que tem algum jeito assim que dê pra levar a costura pra escola?

Eu acho que seria bom, porque não está tendo mais profissional não, na área da costura. Está escasso. Pra fazer artesanato tem que usar a matemática. Tudo isso aqui você usa a matemática. Essas coisas aqui.

A senhora terminou a 6ª série com quantos anos?

Ai, Brício. Eu parei de estudar em 1982. O Vá nasceu quando? Em 1981? O Vá nasceu em 1980. É, eu acho que eu parei de estudar acho que em 1981. 1982, mais ou menos isso. Eu tinha o quê? Se eu vim pra cá em 1985 com 17? 14 anos, mais ou menos isso.

Nesse tempo a senhora ficou fazendo o quê?

Eu trabalhei na roça. Ajudava o pai na roça. E depois eu fui fazer o curso de corte e costura. Eu fui fazer o corte e costura em Salinas. E depois voltei lá pra roça.

Trabalhei um tempo na costura, costurando na pro pessoal. Depois vim embora pra cá.

Enquanto você estava trabalhando com costura, a senhora teve vontade de sair da profissão e ir pra outra?

Nunca tive, não. Sempre quis continuar, pois eu sempre tive vontade de aprender mais na costura.

A senhora foi impedida de fazer algo, por algum fator, seja na costura ou em outra coisa?

Impedida em que sentido?

Por exemplo, queria costurar mais ou aperfeiçoar, mas não pôde. Ou, então, queria estudar, mas não pôde.

Não, é porque a costura na verdade eu tinha que ter investido mais. Eu não investi. Eu devia ter ido atrás de um curso de modelista e não fui. Entendeu? Devia ter ido. Talvez tenha faltado motivação minha. Se eu tivesse me motivado mais, ido em busca de aperfeiçoar na área de modelagem, talvez entrar na área da alta costura, fazer vestido de festa, tudo isso aí, mas eu não fui atrás.

Por a senhora ser mulher, isso te afetou em algum momento?

Não, na área da costura não. A única coisa na costura hoje, em empresas, confecções é que o salário é muito baixo. Não tem tanto valor. Mas em termos de trabalho e confeccionar, não.

Queria que a senhora falasse sobre desafios, obstáculos, sonhos, alegrias, tristezas. Se tiver algo que não quiser falar, não tem problema. Pode ficar tranquila.

Ai, meu Deus. Ah, sim, teve, né? O nascimento da Gabi, por exemplo, pra mim foi motivo de felicidade. Poder ser mãe. A conquista da minha casa, que ainda está por vir. Já conquistei, mas não realizou por completo, está perto. Obstáculos, já encarei alguns. Ainda continuo encarando. Trabalhar na costura, eu gosto. Poderia estar melhor hoje, mas minhas condições financeiras não ajudaram. Então...

A senhora presenciou uma atitude racista ou algum tipo de preconceito, seja com alguém da família ou com alguém próximo da senhora?

Racismo, não. Preconceito, no dia a dia, você encontra. Mas, racismo, não. Nunca presenciei isso, não.

Quando a senhora veio pra cá trabalhar com costura, em que lugar que trabalhou?

A primeira empresa que eu trabalhei não existe mais, já fechou. Eu trabalhei na Unipro Confecções de Uniformes Profissionais. De lá, trabalhei em outras empresas e fui adquirindo experiência.

Você trabalhou mais com parte de uniforme, então?

É, com uniforme. Depois eu trabalhei numa confecção que a senhora fazia roupas da alta costura, no social, e depois vim pra linha de uniforme social de novo. Eu já fiz de tudo um pouco na costura.

A questão da valorização, a senhora comentou sobre salário. Quando a senhora estava trabalhando em casa, como que enxergava a valorização?

O ganho de trabalho em casa é melhor do que trabalhar fora. Só que, assim, tem mês que tem bastante serviço, tem mês que não tem. Mas se você tiver boas clientelas e tiver uma boa prestação de serviço, compensa trabalhar em casa. Entendeu? Mas, é assim, tem mês que tem bastante, tem mês que já não tem.

E como que é ter dificuldade com matemática e de certa forma lidar com ela no dia a dia?

Então é porque tem coisas que eu acho que pega, outras não. No caso, da fita, por exemplo, eu não tenho dificuldade. As medidas na costura, eu não tenho dificuldade pra trabalhar.

A senhora acredita que se, em algum momento na escola, tivessem levado algo mais prático para trabalhar com matemática, hoje você teria mais facilidade?

Talvez sim. Com o uso da fita métrica, eu não tenho dificuldade. Não tenho dificuldade. Entendeu?

Uma outra coisa também. Eu perguntei pra tia Tininha, pra mãe e pra tia Miria, sobre o uso dos dedos como medida. Quando a pessoa chega para a senhora e pede para ajustar tantos...

Não dá certo. Ou fica mais, ou fica menos. Eu prefiro ir na fita. Quer ver? Esse negócio de dois dedos é conflito. De dedo, não tem nada. Quer ver meus dois dedos? Dá 3 centímetros. Na verdade, dá 4 centímetros.

Quero ver o teu. Bota aqui em cima da fita. Olha, o teu dá menos que 4 centímetros. Você viu? Não dá pra confiar muito, não. Esse negócio de dois dedos, três dedos, eu prefiro a fita.

Tem mais alguma coisa que você queira falar?

Não.

5.5 JOVELINA, MINHA AVÓ MATERNA

Eu peço que a senhora se apresente, fale o nome da senhora, quantos anos tem, onde nasceu.

Eu? Meu nome é Jovelina Rodrigues de Almeida, filha de Gumercindo Rodrigues de Souza e Nascimenta Justina de Almeida. Tenho 83 anos, nasci 23 de maio de 1942, fui batizada em Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo.

Nossa! E eu achando que a senhora era de Minas.

Não, nasci em São Paulo, em Santa Cruz do Rio Pardo. É perto de Bauru. Entendeu? Casei com idade de 23 anos, sou mãe de 10 filhos. E tenho 15 netos.

Falando sobre onde a senhora nasceu, qual que é a descendência da senhora? Tem alguma descendência de outro país?

Uai. Eu sou minha descendência é paulista, porque paulista que nasce em São Paulo. Parente de outro país não tem, não. São todas aqui de Minas Gerais.

A senhora lembra como que foi a sua infância e a adolescência?

Lembro. Faz tempo! Você vai dar risada. Eu com 8 anos de idade, pai mudou da barra do Córrego do Mangue foi morar lá no Córrego da Aparecida pra montar um

boteco e me levou mais ele. E lá ele colocava pra carpir na roça. Colocava 6 camaradas para trabalhar na roça. E o fogão era alto, ele pegava uma gamela e botava emborcada no chão, pra eu subir em cima da gamela e conseguir fazer o almoço. Eu fazia o almoço e as panelas eram grandes, eu não aguentava tirar as panelas do fogo. Então eu ia na venda, que meu pai estava do outro lado, pra conseguir tirar as panelas do fogo pra mim e dar a comida aos camaradas. Tudo isso com 8 anos de idade. E daí foi nessa vida, o Córrego da Aparecida secou e nós íamos buscar água e lavar roupa no Córrego da Cachoeira. Nós levantávamos, eu já estava maior, de madrugada pra buscar água no Córrego da Cachoeira. Tinha que dar duas viagens, e antes de 10 horas, pra depois ir pra escola. Vinha, buscava um caminho de água, tornava voltar pra buscar outro. Quando chegava em casa, mãe já estava com o almoço pronto. Nós não tínhamos tempo nem de comer. Com pressa, saía com os capitão⁴ na mão. Pra chegar na escola, é mais de 3 quilômetros de distância, e correndo. Entendeu?

E falando de escola, a senhora estudou onde e até que série?

Só o 1º ano. Nem o 2º ano eu não fiz. Estudei lá na roça, só aquele 1º ano em... Como é que chama? Mobral?

A senhora se lembra de como que era lá na escola?

Lembro! Minha professora era boa demais. E nós éramos em 50 e tantos alunos, ela nos dividia em três lugares. Ela sabia ensinar. E a hora que terminava as aulas, ela batia a régua “a lição é tabuada! Amanhã na ponta da língua, senão não tem recreio!” Ela era boa demais. Ela ensinava.

E como que era a relação da senhora com ela? A senhora tinha vergonha?

Nada, nada, nada. Ninguém tinha. Nenhum colega com o outro

Ela era conhecida da comunidade? Era parente?

⁴ Capitão é a sobra de comida que, lá na roça, pegavam do prato, amassava e modelava como um bolinho de arroz. Então pegavam esse bolinho e saíam comendo. Esse bolinho é o que chamam de capitão. Em Rubelita, dizer que “saiu com os capitão na mão” é uma expressão para dizer que está atrasado ou com pressa.

Ela morava em Rubelita e ia dar aula na roça.

A senhora lembra como que era a aula de matemática?

Eu lembrava que eu era mestre de matemática. Hoje que eu não sei, mas eu era, viu? Na tabuada não tinha um que passava na minha frente. Eu sabia tabuada, fazia problema. Hoje que eu não sei mais.

Como que a senhora começou a costurar?

Ô meu filho, aprender a costurar eu aprendi sozinha. Eu comecei a costurar com a agulha na mão, sem máquina, sem nada. Entendeu? Eu mesmo cortava. Irmã minha tinha uma maquininha de mão, daquela pequenininha. Mas eu costurava na maquininha de pé que comadre Maria de Deraldo tinha. Eu cortava, ia lá na casa dela e costurava.

Lá na comadre Dalva de Estácio, ela me dava a máquina e eu costurava. Depois que eu casei com seu avô, que inclusive comprou uma máquina daquela que sua mãe levou pra lá. Ele vendeu uma vaca para comprar aquela máquina. Vendeu e não deu pra comprar uma máquina! Vendeu a vaca por 90 reais e inteirou 10!

Foi por 100 reais. Aquela máquina custou 100, não era reais, era cruzeiro. 100 cruzeiros, entendeu? A vaca valia mais que a máquina. Ela era uma vaca arisca, chamava até de boião. Passasse perto, gritava boião, ela vinha com tudo. Era brava. Seu vô vendeu ela e comprou a máquina.

Lá em Salinas, olha por sorte, nós fomos lá comprar essa máquina. Comprou a máquina, o empregado embalou a máquina errada. Veio no caminhão até na rodagem. Da rodagem, não sei quem Tinô arranhou, foi lá e amarrou num varão o pé da máquina toda. Quando chegou lá em casa, a máquina toda ralada, destruída, sabe? “Essa máquina aqui é usada, eu vou trocar essa máquina”. Pôs essa máquina dentro de um caixote. E levo lá e quando chego na casa de Laércio, mesmo lugar onde é o Bradesco hoje, ele falou com o dono, o Laércio, falou “uai?” Ele falou com o empregado “como é que o moço comprou uma máquina nova, você embalou a máquina velha?” Ele respondeu “mas o senhor mandou foi essa! O senhor mandou embalar, foi essa e eu embalei”. Que vergonha que não passou. Aí eu trouxe a máquina nova. Daí eu costurei, graças a Deus.

E a vó fazia roupa pra todo mundo?

Pra todo mundo. Criei essa meninada toda sem pagar um centavo de costura pra ninguém. Eu fazia tudo. Sem ninguém me ensinar, eu aprendi no vento. Eu aprendi no ar! Uma vez eu fiz uma calça pra Zé de comadre Ném, meio amarelada e uma camisa rosa, mas ficou bonita a camisa. Ele usava, abria a manga da camisa assim um pouquinho, sabe? Fazia um negocinho aberto, pregava um botãozinho, mas ô camisa que ficou bonita pra Zé de comadre Ném.

Quem deu valor... Lieta que não deu valor. Lieta que não deu valor o trabalho dela. Tem a máquina e não trabalha com costura.

A senhora chegou a fazer roupa pros outros além de casa?

Fazia, fazia roupa. Eu fiz um vestido rosa pra Lizete, quando ela era mocinha nova, um vestido godê. Fazia pras menina de comadre Santa, fazia pras menina de compadre João Mendes. Antônia, a mãe de Maria, quando casou com o velho Cirico, ela rodou caçando uma costureira pra fazer um vestido pra ela. Um vestido de casamento e eu fiz pra ela.

A matemática que a senhora via na escola, te ajudou na costura ou não?

Não, Matemática não. Matemática só em conta.

Hoje pra costurar, como que é o cálculo ou o raciocínio que a senhora usa?

Eu não tenho máquina mais. Minha máquina estragou. Dei pra sua mãe a máquina. E agora eu faço crochê, cochicho. Eu faço giramundo, bordado, ponto cruz, ponto cheio, ponto caroço.

Tem os pontos cruzeiros é pela revista, né? Então, pela amostra os outros pontos são riscados no pano. É como uma lapiseira e agora faz por cima.

A senhora usa o que pra medir?

Pra medir o que? Os panos? A trena, a fita métrica.

A senhora tinha o sonho de ter alguma profissão?

É, tinha o quê? Tinha o sonho, tinha. Mas não tinha tempo pra isso, porque era só trabalhar, ajudando a criar irmão e trabalhar na roça.

Mas, pensando em o que você quer ser quando você crescer, sabe? O que que a senhora queria ser?

Não sei falar. Aquela época não tinha isso de perguntar o que queria ser. Era... Tinha que trabalhar. Trabalhava todo dia da semana

Na época que a senhora estava na fase de adolescente pra se tornar adulta, como que era ser mulher na época? Tinha algum comportamento específico, algum jeito que a mulher tinha que ser?

Claro que tinha. Era trabalhar, cuidar de casa, festa. Eu gostava de festa. Isso aí

E roupa? Como que era a vestimenta na época?

Era muito difícil. Vestia bem, mas era muito trabalhoso. Pra ir comprar era muito caro naquela época

Que tipo de roupa que usava? A mulher, ela usava mais o quê? Vestido? Saia?

Era só vestido. A saia que nós vestíamos era só no uniforme da escola.

Queria que a senhora falasse sobre sonhos, alegrias, tristeza, desafios.

Isso aí. Eu não posso nem falar que são muitos. Pobreza. É Fabrício...

A senhora falou que estudou até a 1ª série, o que a senhora foi fazer depois disso?

O que eu fui fazer? Raspar mandioca, torrar farinha, tirava goma semanas e semanas. Meses trabalhando, o mês inteiro pegando no cabo da enxada.

Então, a senhora pegava na enxada mesmo e mexia lá com as coisas?

Pegava!

A senhora casou e foi ter filho com quantos anos mesmo?

Eu casei 23 anos.

A senhora sempre morou aí na região?

Morei direto no Córrego do Mangue e Aparecida. Mas depois eu morei só na Barra do Mangue, agora que estou morando em Rubelita há quase 30 anos.

A costura te ajudou financeiramente em algum momento? Ajudou a sustentar em casa com a costura?

Não. É só para os de casa, mas... Para todo mundo.

Quem que ensinou a senhora a fazer giramundo?

Foi uma menina que morava com a gente no tempo de pai, morava mais nós lá embaixo do mangue, a Maria de Luizão. Ela que me ensinou a fazer esse giramundo.

Mas ela não era da família?

Não.

Não era parente não?

Não, era lá de Lagoa de Baixo, veio morar conosco. Aí ela me ensinou a fazer giramundo. Naquela época era difícil, nem linha de carretel não tinha, a gente enfiava algodão no carretel queimado. Mãe comprava um carretel e escondia, para ninguém pegar a linha, porque era caro e não achava. Era difícil achar um carretel de linha. Era carretel, não era retrós, não. Aí ela me ensinou a fazer giramundo. Aí eu fiz.

6 APONTAMENTOS ENTRE TRABALHO, GÊNERO E FEMINISMO

Os estudos de gênero surgiram como uma prática política comprometida com a compreensão das estruturas de dominação de gênero e a promoção de um mundo mais igualitário. Silvia Federici (2021) tem desempenhado um papel importante nesse campo, fornecendo uma perspectiva histórica e materialista que expõe as interseções entre gênero, classe e capitalismo.

Neste capítulo apresento as contribuições de Federici (2019a, 2019b, 2021), relacionando-as com as reflexões de Françoise Vergès (2020), abordando suas especificidades sobre o feminismo.

Federici (2021) desafia a tendência de muitos estudiosos marxistas de ignorar a relação entre capitalismo e gênero. Ela argumenta que o capitalismo depende da divisão sexual do trabalho para sua reprodução. Essa divisão atribui às mulheres o trabalho não remunerado de cuidado, enquanto os homens dominam o trabalho remunerado e reconhecido publicamente. Para a autora, o salário não é apenas uma forma de compensar o trabalho, mas também uma ferramenta de controle político, que reforça as relações patriarcais ao subordinar as mulheres economicamente.

De Lênin a Gramsci, toda a tradição da esquerda concordou com a "marginalidade" do trabalho doméstico para a reprodução do capital e com a marginalidade da dona de casa para a luta revolucionária. Para a esquerda, na condição de donas de casa, as mulheres não sofrem por causa da evolução capitalista, mas pela ausência dela. Nosso problema, ao que parece, é que o capital não organizou nossas cozinhas e nossos quartos, o que gera uma dupla consequência: a de que nós aparentemente trabalhamos em um estágio pré-capitalista e a de que qualquer coisa que façamos nesses espaços é irrelevante para a transformação social. Pela lógica, se o trabalho doméstico é externo ao capital, nossa luta nunca causará sua derrocada (Federici, 2021, p. 25).

Essa perspectiva revela como a desvalorização do trabalho doméstico não remunerado sustenta o capitalismo. Federici (2021) observa que, sem o trabalho invisível realizado pelas mulheres no ambiente doméstico, como cuidar de filhos, idosos e das tarefas do lar, o sistema capitalista não poderia funcionar. A criação de uma relação hierárquica entre gêneros é, portanto, uma condição essencial para a acumulação capitalista e que, a luta feminista, segundo ela, deve ir além da igualdade formal, desafiando as estruturas fundamentais que perpetuam essa exploração.

Em *Feminismo e a Política dos Comuns*, Federici (2019a) explora a possibilidade de resistência coletiva ao capitalismo por meio da criação de "comuns"

— espaços, recursos e práticas que são compartilhados e geridos coletivamente. Ela argumenta que o feminismo tem um papel crucial na reinvenção dos comuns, uma vez que as mulheres, devido à sua história de marginalização econômica e social, desenvolveram estratégias de cooperação e solidariedade que podem inspirar modelos alternativos de organização social.

Bacellar (2020), amplia a ideia dos comuns ao destacar como feminismos do sul global propõem formas criativas de resistência que são informadas por contextos locais de opressão. Essas abordagens desafiam modelos eurocêntricos de feminismo, enfatizando a importância de práticas coletivas e descentralizadas. E, ainda, destaca que

Parte da vitalidade dos ventos feministas que há bastante tempo sacodem diversos contextos nacionais e internacionais, e que vêm soprando com força no Brasil, está na atenção tanto para a interseccionalidade das opressões quanto para os efeitos da colonialidade do gênero, do poder, do saber e do ser no cotidiano e nas subjetividades (Bacellar, 2020, p. 265).

Federici (2019a) ressalta que o capitalismo destruiu muitos sistemas de comuns tradicionais, transformando recursos comunitários em bens privatizados. No entanto, ela também enfatiza que o movimento feminista tem a capacidade de recriar esses sistemas de formas adaptadas às condições contemporâneas. Um exemplo é o surgimento de iniciativas de economia solidária, hortas comunitárias e redes de apoio mútuo, que desafiam a lógica do mercado e promovem a autonomia coletiva.

A proposta sugere que a transformação social não pode ser alcançada apenas por meio de reformas institucionais, mas requer uma reestruturação das relações sociais de base. O conceito de comuns, portanto, vai além de uma forma de resistência; é uma visão de futuro em que a produção e reprodução social sejam organizadas em bases não hierárquicas e inclusivas.

No ensaio *A reprodução da força de trabalho na economia global e a revolução feminista inacabada*, Federici (2019b) oferece uma leitura crítica da obra de Karl Marx a partir de uma perspectiva feminista. Embora reconheça a contribuição revolucionária de Marx para a análise do capitalismo, ela aponta que suas teorias frequentemente negligenciam o papel central do trabalho reprodutivo e doméstico na acumulação capitalista.

Vergès (2020) ecoa essa crítica ao argumentar que as teorias marxistas tradicionais muitas vezes ignoram como o colonialismo e o racismo estruturaram as

relações de produção e reprodução. Vergès propõe um feminismo que aborde não apenas a exploração de classe, mas também as dinâmicas de gênero e raça que sustentam o capitalismo global.

Um feminismo decolonial precisa reconhecer a história e o legado da violência colonial, que ainda estrutura as relações sociais. E argumenta que o feminismo decolonial deve ser radicalmente antirracista, anticapitalista e anti-imperialista, e deve levar em conta as experiências e reflexões das mulheres racializadas, especialmente aquelas do sul global. Este feminismo se opõe ao feminismo liberal e civilizatório, que muitas vezes ignora as desigualdades e clivagens entre as mulheres, perpetuando a exploração e a opressão (Vergès, 2020).

Federici (2021) argumenta que Marx concentrou-se predominantemente na produção de mercadorias, ignorando a esfera da reprodução social como parte integrante do sistema capitalista. Para ela, essa omissão é emblemática de um viés patriarcal presente tanto na teoria marxista quanto na prática política de movimentos de esquerda. Ao trazer o trabalho reprodutivo para o centro da análise, a autora propõe uma extensão das leituras marxistas para incluir a reprodução social como uma esfera essencial para a compreensão da acumulação capitalista, e sugere que, sem o trabalho invisível das mulheres na reprodução da força de trabalho, o sistema capitalista não poderia se sustentar.

Essa proposta encontra ressonância no feminismo decolonial de Françoise Vergès (2020), que destaca a importância de analisar como o trabalho reprodutivo e de cuidado está racializado e entrelaçado com as dinâmicas coloniais e globais. Vergès (2020) destaca que a exploração do trabalho de mulheres racializadas no contexto colonial foi essencial para a acumulação capitalista, e que os legados dessa exploração continuam a influenciar as relações de poder atuais. Assim, a crítica feminista de Federici (2019a, 2019b, 2021), em diálogo com Vergès (2020), aponta para a necessidade de um feminismo interseccional e decolonial que reconheça as múltiplas dimensões da exploração e trabalhe para construir alternativas coletivas e emancipatórias.

7 COSTURANDO RELATOS E TRAJETÓRIAS

A partir do objetivo geral da pesquisa, ou seja, investigar a influência das experiências de vida, das práticas de trabalho e do uso da matemática pelas costureiras em suas identidades e relações sociais, tecemos algumas considerações sobre experiências de vida, práticas de trabalho, uso da matemática e identidades e relações sociais, com base nas falas das cinco mulheres costureiras entrevistadas. Relacionar tais temáticas a partir de seus relatos, permite um olhar mais sensível sobre suas trajetórias, capaz de evidenciar as influências em cada parte de suas histórias de vida.

Em relação às **experiências de vida**, Jovenila (mãe do entrevistador) descreve sua trajetória de vida, desde a infância na roça até trabalhar como empregada doméstica, em Salinas e Cuiabá, e, posteriormente, como costureira em Curitiba, Jundiá e Piracicaba. Janira (tia Miria) relata sua infância e adolescência na roça, trabalhando na agricultura e cuidando da casa após a morte de sua mãe. Altina (tia Tininha) compartilha memórias de sua infância na roça, aprendendo a contar números plantando feijão e milho, e sua experiência escolar até a 4ª série. Maria das Dores (tia Dorinha) fala sobre sua infância e adolescência na roça, as dificuldades para estudar e sua mudança para Curitiba para trabalhar como costureira. Jovelina (avó) narra sua infância e adolescência, trabalhando desde cedo na roça e ajudando a família.

Em síntese, as entrevistadas têm origens humildes, muitas vezes começando suas vidas na roça e enfrentando desafios significativos desde a infância. A migração para cidades maiores em busca de melhores oportunidades de trabalho é uma experiência comum.

Sobre as **práticas de trabalho**, Jovenila (mãe do entrevistador) aprendeu a costurar na fábrica e depois trabalhou em casa, fazendo roupas e ajustes. Janira (tia Miria) começou a costurar aos 12 anos e trabalhou em várias confecções, além de costurar em casa. Altina (tia Tininha) aprendeu a costurar aos 15 anos em um curso pago e trabalhou em casa, utilizando diferentes máquinas de costura. Maria das Dores (tia Dorinha) trabalha em uma empresa de confecção de uniformes e também costura em casa. Jovelina (avó) aprendeu a costurar sozinha e fez roupas para a família e vizinhos.

Em resumo, a costura é uma habilidade aprendida tanto formalmente (em cursos) quanto informalmente (em casa ou na fábrica).

Em relação ao **uso da matemática**, Jovenila (mãe do entrevistador) menciona a importância da matemática na costura, especialmente para fazer modelagem e ajustes. Janira (tia Miria) usa a fita métrica para medir e ajustar roupas, destacando a relação entre matemática e costura. Altina (tia Tininha) aprendeu a contar números plantando feijão e milho e usa a fita métrica para medir tecidos e calcular o preço de suas costuras. Maria das Dores (tia Dorinha) utiliza a fita métrica para medir e ajustar roupas, e menciona a dificuldade com matemática na escola. Jovelina (avó) usava a matemática para fazer contas e medir tecidos, embora não tenha tido muita educação formal.

Em suma, a matemática é uma ferramenta essencial no trabalho de costura, usada para modelagem, ajustes e cálculos de preços. As costureiras desenvolveram habilidades matemáticas práticas, muitas vezes aprendidas de maneira informal.

Por fim, sobre as **identidades e relações sociais**, Jovenila (mãe do entrevistador) se identifica como preta e menciona que não percebeu atos de racismo em sua vida. Janira (tia Miria) fala sobre a descendência indígena e portuguesa de sua família. Altina (tia Tininha) menciona que não se importava com xingamentos racistas na infância e destaca a importância de ser firme diante dos desafios. Maria das Dores (tia Dorinha) relata a timidez e vergonha que dificultaram seu aprendizado na escola. Jovelina (avó) compartilha a história de sua família e a importância do trabalho na roça e na costura.

Em síntese, as identidades das costureiras são moldadas por suas origens étnicas e experiências de vida, com algumas enfrentando e superando desafios relacionados ao racismo e à discriminação. As relações familiares e comunitárias desempenham um papel importante em suas vidas, influenciando suas trajetórias pessoais e profissionais.

Ao final da Revisão Sistemática de Literatura, organizamos as pesquisas em três temáticas, que passamos a cotejar com as entrevistas realizadas, evidenciando a importância de integrar saberes tradicionais e questões interseccionais envolvendo gênero e raça na educação matemática.

Acerca do **Gênero, Educação e Empoderamento**, Jovenila (mãe do entrevistador) relata sobre a falta de oportunidade de continuar os estudos porque “mulher não precisava estudar”, destacando a visão estereotipada de gênero. Ainda

sobre isso, Altina (tia Tininha) menciona que não teve a oportunidade de estudar mais devido às responsabilidades domésticas e ao trabalho, refletindo a segregação feminina na educação e no trabalho.

[...] O pai falou que mulher não precisava estudar não, e eu tinha muita vontade de estudar, eu era inteligente, só tirava nota boa. Aí depois que eu vim morar aqui, as pessoas falavam para estudar. Eu não vou estudar mais, não. Tinha menino pequeno, não vou estudar não. Uma mulher falou comigo pra estudar. Estudar mais para quê? Estou velha já, eu não arrumo serviço mais para ganhar mais e eu sei escrever. Isso é mais pra quem é novo, pra arrumar um serviço melhor. Eu não tive a oportunidade de estudar, então, agora eu estudo mais não.

Maria das Dores (tia Dorinha), relata as dificuldades enfrentadas ao tentar continuar os estudos enquanto trabalhava, evidenciando as barreiras enfrentadas por mulheres no ambiente educacional e profissional. “[...] Fui trabalhar e não tive oportunidade, não tive coragem de encarar escola numa cidade grande, sem conhecimento e sozinha. Por isso que eu não continuei mais estudando. Muita dificuldade”.

Tia Dorinha (Maria das Dores) menciona ainda que aprendeu a costurar e trabalha com isso até hoje, mostrando com a habilidade de costura pode ser uma forma de empoderamento. Maria das Dores também relata acerca do uso de moldes e medidas na costura, que envolve, por exemplo, a criatividade.

Em relação à **História e Práticas Culturais na Educação Matemática**, Jovenila (mãe do entrevistador) e Altina (tia Tininha) mencionam que estudaram até a 4ª série (atual 5º ano) na roça, refletindo a limitação histórica do acesso à educação para meninas em áreas rurais. Jovenila (mãe), Jovelina (avó) e a tia Tininha (Altina) relatam sobre o uso de medidas tradicionais e a confecção de giramundos, que são exemplos de saberes etnomatemáticos.

Jovenila (mãe do entrevistador) e Altina (tia Tininha) narram sobre a educação na roça e as dificuldades enfrentadas, que podem ser comparadas às dificuldades enfrentadas pelas comunidades quilombolas. Janira (tia Miria) comenta sobre o uso de medidas tradicionais na costura, “Sempre usa. Porque têm as medidas. E daí tem a metade. Tem um quarto, que a gente dobra a fita. Para saber quanto vai ser aquela metade. [...] Eu uso, mas com os dois dedos eu meço também a fita. Põe a fita nos dois dedos, eu já sei quantos centímetros que vai dar. Pra eu diminuir ou aumentar”.

Por fim, sobre os **Trabalhos Manuais, Criatividade e Educação Matemática**, Jovenila (mãe do entrevistador), Altina (tia Tininha) e Jovelina (avó do entrevistador) relatam sobre a importância da matemática na costura e nos trabalhos manuais. Na confecção do giramundo “tem que medir pra cortar, pra dar certo nas pontinhas. Então eu acho que a matemática é a mesma coisa.” (Janira, tia Miria).

8 ARREIMATE

A presente pesquisa teve como objetivo geral investigar a influência das experiências de vida, das práticas de trabalho e do uso da matemática pelas costureiras em suas identidades e relações sociais.

Para tanto, inicialmente, realizei uma Revisão Sistemática de Literatura junto ao Catálogo de Teses e Dissertações (CTD) da CAPES com o objetivo de identificar pesquisas que abordam a relação entre saberes matemáticos e práticas culturais de mulheres em diferentes contextos. A revisão sistemática permitiu compreender como as práticas matemáticas emergem em atividades cotidianas e como essas práticas contribuem para o desenvolvimento de identidades e relações sociais das costureiras.

Na sequência, foram realizadas entrevistas com cinco mulheres da minha família utilizando a História Oral como abordagem metodológica. As entrevistas foram semiestruturadas, permitindo uma abordagem aberta para que as entrevistadas compartilhassem suas experiências, trajetórias de vida e relações com o trabalho e a matemática. Além das entrevistas, registros fotográficos das práticas de costura foram utilizados para complementar a análise, destacando aspectos visuais e materiais da produção das costureiras.

Para arrematar, busquei integrar elementos das pesquisas de mestrado de Letiane Oliveira da Fonseca (2020), Jeimy Marcela Cortés Suárez (2020) e Lucilene Mizue Hidaka (2023), costurando uma dissertação de cada categoria apresentada na RSL para destacar as semelhanças e conexões entre as experiências das costureiras, das mulheres do Quadrado (Fonseca, 2020) e grupo InfoPreta (Suárez, 2020). As três pesquisas reforçam a importância da resistência, autonomia e empoderamento na luta por reconhecimento e melhores condições de vida, mostrando como a educação matemática, a tecnologia, a sustentabilidade e as práticas cotidianas podem ser ferramentas transformadoras.

Para estruturar a análise das entrevistas, foram selecionadas pesquisas de cada uma das três categorias identificadas na Revisão Sistemática de Literatura: *Gênero, Educação e Empoderamento*; *História e Práticas Culturais na Educação Matemática*; e *Trabalhos Manuais, Criatividade e Educação Matemática*. A pesquisa de Letiane Oliveira da Fonseca (2020) foi escolhida por sua abordagem das experiências coletivas das mulheres do Quadrado, evidenciando como a autonomia e a solidariedade são fundamentais para a organização social e a resistência

econômica. No mesmo sentido, o estudo de Jeimy Marcela Cortés Suárez (2020) destaca a relevância da tecnologia e da formação educacional na capacitação de mulheres negras em espaços historicamente marginalizados. Já a pesquisa de Lucilene Mizue Hidaka (2023) foi incorporada pela sua conexão com práticas sustentáveis no contexto da costura, explorando como o reaproveitamento de resíduos têxteis e a transmissão de conhecimentos contribuem para a autonomia financeira e a construção de redes de apoio entre costureiras.

Essas três pesquisas funcionam como eixos para compreender as trajetórias das costureiras entrevistadas, permitindo cotejar suas experiências com as discussões teóricas sobre gênero, trabalho, sustentabilidade e educação matemática. Ao integrar esses estudos, foi possível evidenciar como diferentes formas de conhecimento – sejam acadêmicas, tecnológicas ou baseadas na prática cotidiana – se entrelaçam para fortalecer a autonomia das mulheres e suas estratégias de resistência diante das desigualdades sociais.

Além disso, movimentei os estudos de Silvia Federici (2019a, 2019b, 2021) e Françoise Vergès (2020), possibilitando uma análise crítica e teórica que destaca a importância do trabalho reprodutivo e doméstico, a invisibilização do trabalho das mulheres e a resistência ao sistema capitalista, o que pode ajudar na compreensão das experiências das costureiras e das intersecções de gênero, raça e classe social em suas trajetórias de vida.

As entrevistas com Jovenila (mãe), Janira, Altina, Maria das Dores e Jovelina (avó), assim como as histórias das mulheres do Quadrado, do grupo InfoPreta e das mulheres do Instituto estudado por Lucilene Mizue Hidaka, revelam trajetórias de vida marcadas por desafios e superações. Essas mulheres têm origens humildes e enfrentam múltiplas formas de opressão, como racismo, sexismo e desigualdade econômica. No entanto, suas experiências também mostram como a resiliência, a autonomia e o empoderamento podem surgir a partir de práticas cotidianas, como a costura, a construção de casas, o uso da tecnologia e a sustentabilidade.

A costura, por exemplo, surge como uma habilidade fundamental para as entrevistadas, aprendida tanto formalmente, em cursos, quanto informalmente, em casa ou na fábrica. O trabalho manual não apenas garante uma fonte de renda, mas também fortalece o senso de autonomia e contribui para a construção de identidades baseadas na competência e na criatividade. A transmissão intergeracional dessas práticas reforça laços familiares e comunitários, semelhante ao que ocorre com as

mulheres do Quadrado, que transmitem conhecimentos sobre construção e organização comunitária, com as mulheres do grupo InfoPreta, que compartilham habilidades técnicas e matemáticas para capacitar outras mulheres, e com as costureiras estudadas por Hidaka, que utilizam a costura como ferramenta de educação, cuidado e sustentabilidade.

Silvia Federici (2019a) discute a importância dos bens comuns e do trabalho reprodutivo, destacando como as mulheres dependem do acesso a recursos naturais comuns e são prejudicadas pela sua privatização. Isso pode ser relacionado às entrevistas, em que as costureiras mencionam a importância do trabalho doméstico e da costura para a economia familiar, muitas vezes sem remuneração. Esse trabalho, apesar de invisibilizado, é essencial para a subsistência. Da mesma forma, as mulheres do Quadrado realizam trabalhos essenciais, como aterrar terrenos e construir casas, que são frequentemente ignorados ou subvalorizados. Já as mulheres do grupo InfoPreta utilizam a tecnologia e a matemática para criar espaços de trabalho inclusivos e solidários, desafiando a invisibilização de seu trabalho. No mesmo sentido, Hidaka (2023) destaca como o reaproveitamento de resíduos têxteis e a prática do *upcycling*⁵ promovem autonomia e formação de redes de apoio entre mulheres costureiras, reforçando a importância da sustentabilidade e do cuidado comunitário.

Françoise Vergès (2021) amplia essa discussão ao destacar a interseccionalidade como chave para compreender as experiências das mulheres racializadas. Ela argumenta que o racismo, o sexismo e o classismo se entrelaçam, criando formas únicas de opressão. As entrevistas revelam esses entrelaçamentos, evidentes nos desafios enfrentados pelas costureiras em suas trajetórias de vida e trabalho. Essa interseccionalidade também está presente nas histórias das mulheres do Quadrado, do grupo InfoPreta e das costureiras pesquisadas por Hidaka (2023), que enfrentam opressões de gênero, classe e raça, moldando suas identidades e suas lutas por um espaço para viver e trabalhar.

⁵ O *upcycling* é uma prática sustentável que envolve a reutilização criativa de materiais descartados para transformá-los em novos produtos com maior valor agregado. No contexto da costura, significa reaproveitar tecidos e resíduos têxteis para criar novas peças de roupa ou objetos sem passar por processos industriais de reciclagem. Essa abordagem reduz o desperdício e promove a sustentabilidade, além de fortalecer a autonomia das costureiras, como destacado na pesquisa de Lucilene Mizue Hidaka (2023).

A matemática desempenha um papel crucial no trabalho das costureiras, sendo utilizada para modelagem, ajustes e cálculos de preços. As entrevistadas desenvolveram habilidades matemáticas práticas, muitas vezes aprendidas de maneira informal. Jovenila (mãe) destaca a importância da matemática na costura para modelagem e ajustes. Janira e Maria das Dores usam a fita métrica para medir e ajustar roupas, enquanto Altina e Jovelina (avó) aplicam o conhecimento matemático na medição de tecidos e cálculo de custos. O uso da matemática contribui para a confiança e a autonomia profissional das costureiras. Essa prática informal de habilidades matemáticas é semelhante ao que ocorre com as mulheres do Quadrado, que medem terrenos com passos e calculam materiais de construção, com as mulheres do grupo InfoPreta, que utilizam a matemática para resolver problemas técnicos e desenvolver habilidades analíticas, e com as costureiras estudadas por Hidaka, que aplicam conhecimentos matemáticos na produção sustentável e no reaproveitamento de tecidos.

Por fim, as trajetórias das costureiras, das mulheres do Quadrado, do grupo InfoPreta e do Instituto estudado por Lucilene Mizue Hidaka revelam a resiliência e a luta por autonomia em contextos de marginalização. Ambas as histórias destacam a importância do trabalho invisibilizado, a interseccionalidade das opressões e a resistência diante de desafios econômicos e sociais. A costura, a construção de casas, o uso da tecnologia e o reaproveitamento sustentável de tecidos são práticas que fortalecem a autonomia e a identidade das mulheres, apesar das condições precárias de trabalho e vida. A incorporação dessas análises enriquece a compreensão das trajetórias de vida das mulheres e suas estratégias de sobrevivência e resistência, mostrando como a educação matemática, a tecnologia, a sustentabilidade e as práticas cotidianas podem ser ferramentas poderosas de empoderamento e transformação social.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. O método nas Ciências Sociais. Em: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. (Eds.). **O método nas Ciências Naturais e Sociais**. São Paulo: Editora Pioneira, 1999. p. 107–188.
- ARAÚJO, F. O. **Saberes na formação matemática dos discentes da segunda escola normal de Caetité-Bahia (1926-1961)**. 2020, 268 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Formação de Professores) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié (BA), 2020.
- ASSIS, S. A. **Diálogos entre educação financeira e educação matemática crítica: uma pesquisa bibliográfica analisando dissertações defendidas em mestrados profissionais em Minas Gerais**. 2020, 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto (MG), 2020.
- BACELLAR, C. B. À beira do corpo erótico descolonial, entre palimpsestos e encruzilhadas. Em: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. 400 p.
- BELO, J. P. A. **Eu, humano? Um Frankenstein sobre representações dos sujeitos costurada na ficção científica e de estudantes do ensino médio**. 2022, 284 f. Dissertação (Mestrado em Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática) - Instituto de Física Gleb Wataghin, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2022.
- BEZERRA, C. S. **Vozes de mulheres na academia: desmantelando armadilhas para nos invisibilizar**. 2020, 141 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), 2020.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. Construindo pesquisas coletivamente em Educação Matemática. Em: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Eds.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- CENTRO PAULA SOUZA (CPS). **Funções e Competências**. Disponível em: <https://www.cps.sp.gov.br/institucional/sobre-o-centro-paula-souza/>. Acesso em: 2 jul. 2024.
- CORDEIRO, J. C. A. **Entre mitos e interditos: uma reflexão sobre a segregação feminina na matemática**. 2019, 78 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande (PB), 2019.
- CRESTANI, M. M. **Educação escolar quilombola: a matemática presente em materiais publicados no site do Ministério da Educação**. 2020, 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Ensino de Física) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), 2020.
- CRUZ, F. R.; FERREIRA, J. L. Estudos de revisão em Educação: Estado da Arte e Revisão Sistemática. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 30, n. e11512, 2023.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer**. São Paulo: Ática, 1998.

D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FEDERICI, S. Feminism and the Politics of the Commons. Em: BOLLIER, D.; HELFRICH, S. (Org.) **The Wealth of the Commons: a world beyond market & state**. 2019. Disponível em: <https://wealthofthecommons.org/essay/feminism-and-politics-commons>. Acesso em: 15 dez. 2024.

FEDERICI, S. A reprodução da força de trabalho na economia global e a revolução feminista inacabada. Em: FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

FEDERICI, S. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo**, vol. 1. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

FIGUEIREDO, M. A. C. M. **Arquitetura da marionete: Álvaro Apocalypse**. 2019, 270 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos) – Universidade FUMEC, Belo Horizonte (MG), 2019.

FONSECA, L. O. **Jogos de linguagem produzidos por mulheres na ocupação do Quadrado e seus movimentos de contraconduta**. 2020, 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas (RS), 2020.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. Em: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Eds.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GERDES, P. **Da etnomatemática a arte-design e matrizes cíclicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GIRALDI, O. C. P. **Um estudo sobre a criatividade em um ambiente de aprendizagem de modelagem matemática**. 2020, 143 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2020.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HIDAKA, L. M. **Mulheres entre costuras e resíduos têxteis: entrelaçamentos do cuidar e educar**. 2023, 186 f. Dissertação (Mestrado em Têxtil e Moda) - Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), 2023.

INGOLD, T. **Linhas: uma breve história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

INSTITUTO DE MATEMÁTICA PURA E APLICADA (IMPA). **Artesanato se antecipou à descoberta de poliedro**. 2019. Não paginado. Disponível em: <https://impa.br/noticias/artesanato-se-antecipou-a-descoberta-de-poliedro-rombico/>. Acesso em: 12 nov. 2022.

KNIJNIK, G. Itinerários da Etnomatemática: questões e desafios sobre o cultural, o social e o político na Educação Matemática. **Educação em Revista**, n. 36, p. 161-176. Belo Horizonte: dez. 2002.

MEDRADA, I. **A etnomatemática do povo indígena Parkatêjê e a prática escolar.** 2020, 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências em Matemática) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá (PA), 2020.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral.** 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

PISSETTI, S. L. C.; SOARES, E. M. DO S. A etnomatemática desenvolvida por uma costureira: possibilidades e inspirações para práticas pedagógicas de ensino da Matemática. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 13, n. 4, p. 1–21, 30 jul. 2022.

RETRATOS Fantasmas. Produção de Emilie Lesclaux; Kléber Mendonça Filho. Brasil: Vitrine Filmes, 2023. 1 filme (93 min), son., color.

SILVA FILHO, J. M. **Estudos de gêneros na educação matemática: as expectativas construídas pelos/as docentes.** 2019, 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru (PE), 2019.

SILVA, J. R. **O artesanato como tema gerador para o ensino de ciências: uma perspectiva freireana.** 2017, 200 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão (SE), 2017.

SILVA, R. C. G. C. **O Ensino de Matemática para mulheres no Colégio Piracicabano (1881-1908).** 2020, 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro (SP), 2020.

SILVEIRA, A. S. **Matemática e cotidiano: saberes escolares e suas relações com os vivenciados na pesca artesanal em comunidades de pescadores e marisqueiras em São Cristóvão, SE.** 2022, 175 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão (SE), 2022.

SUÁREZ, J. M. C. **Denúncias e anunciações sobre camadas de vulnerabilidade social e Educação Matemática junto a um grupo de mulheres pretxs que assumiram empoderar-se por meio da tecnologia.** 2020, 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro (SP), 2020.

TAFFAREL, M.; SILVA, A. A. Os saberes matemáticos de uma costureira. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, v. 10, n. 3, p. 167–180, 2017.

VARGAS, M. T. (ED.). **Giramundo: Myrian Muniz, o percurso de uma atriz.** 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial.** Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

VIANNA, C. R. Sem Título. Em: GARNICA, A. V. M. (Ed.). **Cartografias contemporâneas: mapeando a formação de professores de matemática no Brasil.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2014.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Data da entrevista:

Horário de início:

Horário de término:

Forma de registro da entrevista:

Nome da entrevistada:

Nome do entrevistador:

Foi utilizado algum material e/ou objeto durante a entrevista? Se sim, qual(is)?

Descrição do ambiente onde a entrevista foi realizada:

Perguntas e assuntos a serem abordados na entrevista:

1. Me fale sobre sua relação com a costura (a entrevistada poderá tratar sobre quando e como começou, quem ensinou, onde ela trabalha ou trabalhou e se costura como forma de renda ou hobby);
2. Trabalhos que realiza ou já tenha feito;
3. Falar sobre o Giramundo (aqui podem surgir perguntas como: sabe fazer? Quem ensinou? Como se faz?)

Podem ocorrer outros questionamentos e assuntos ao longo da conversa, sem se prender apenas aos tópicos listados. A entrevistada pode querer se aprofundar mais em alguma memória, assunto ou item produzido por ela.

APÊNDICE 2 – MODELO DE CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, _____, RG _____,
declaro ceder à _____, RG
_____, sem quaisquer restrições, os direitos autorais da gravação
do depoimento de caráter documental e histórico que lhe concedi em
____/____/_____, num tempo de ___h___min___s, e também da textualização
apresentada por escrito.

Nome da(o) entrevistada(o)

ANEXO 1 – CARTAS DE CESSÃO DE DADOS**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS**

Eu, Maria das Dores Rodrigues Pereira, RG 4.618.334-7, declaro ceder à Fabrício Rodrigues Alves, RG 54.619.597-0, sem quaisquer restrições, os direitos autorais da gravação do depoimento de caráter documental e histórico que lhe concedi em 29/06/2024, num tempo total de 30min 13s, e também da textualização apresentada por escrito.

Maria das Dores R. Pereira

Maria das Dores Rodrigues Pereira

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Jovenila Rodrigues Pereira, RG 59.124.522-X, declaro ceder à Fabrício Rodrigues Alves, RG 54.619.597-0, sem quaisquer restrições, os direitos autorais da gravação do depoimento de caráter documental e histórico que lhe concedi em 30/01/2024 e em 02/06/2024, num tempo total de 35min 30s, e também da textualização apresentada por escrito.

Jovenila Rodrigues Pereira

Jovenila Rodrigues Pereira

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

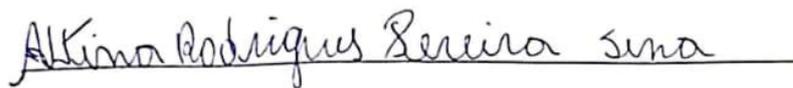
Eu, Jovelina Rodrigues de Almeida Pereira, RG MG-8.734.158, declaro ceder à Fabrício Rodrigues Alves, RG 54.619.597-0, sem quaisquer restrições, os direitos autorais da gravação do depoimento de caráter documental e histórico que lhe concedi em 30/01/2024 e em 29/06/2024, num tempo total de 30min 21s, e também da textualização apresentada por escrito.

Jovelina Rodrigues de Almeida Pereira

Jovelina Rodrigues de Almeida Pereira

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Altina Rodrigues Pereira Sena, RG MG-11.348.476, declaro ceder à Fabricio Rodrigues Alves, RG 54.619.597-0, sem quaisquer restrições, os direitos autorais da gravação do depoimento de caráter documental e histórico que lhe concedi em 29/01/2024 e em 15/06/2024, num tempo total de 26min 49s, e também da textualização apresentada por escrito.



Altina Rodrigues Pereira Sena

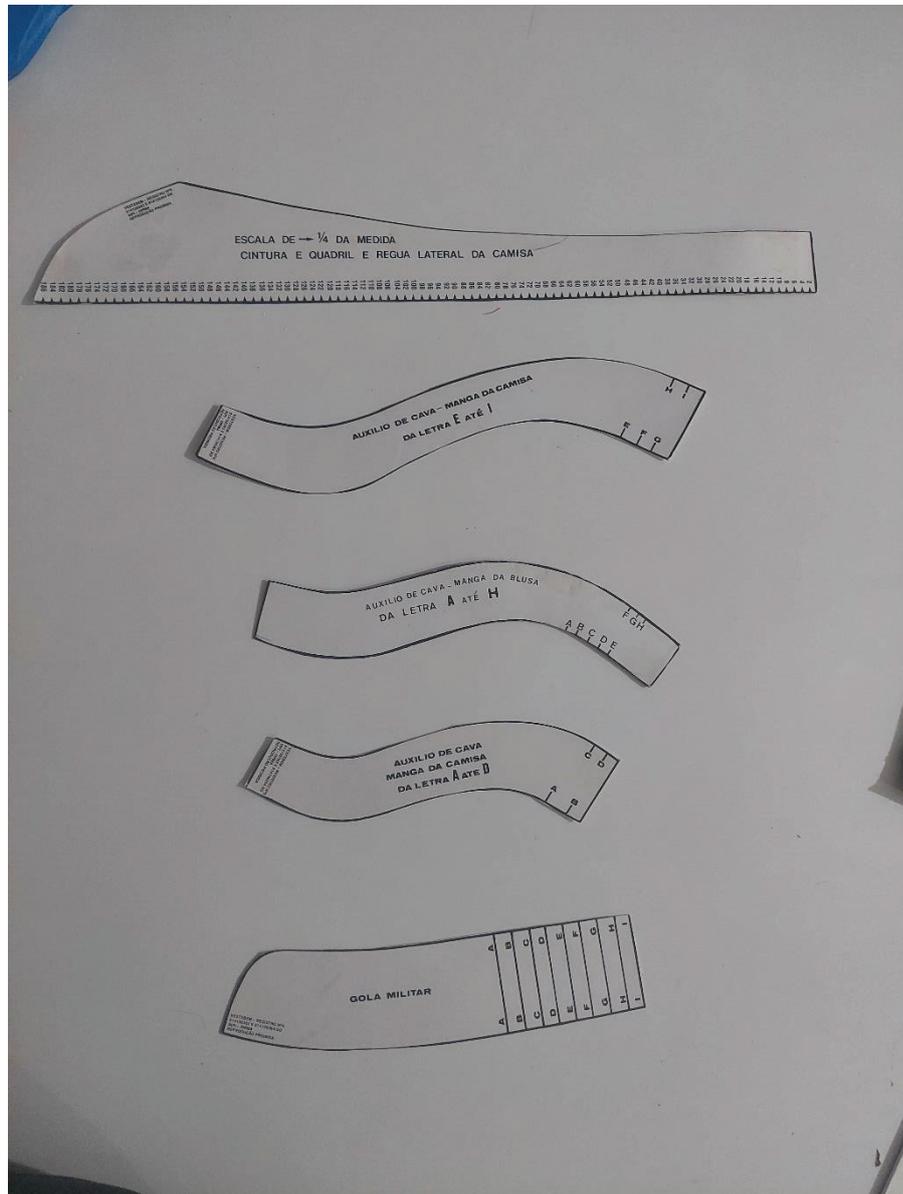
CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

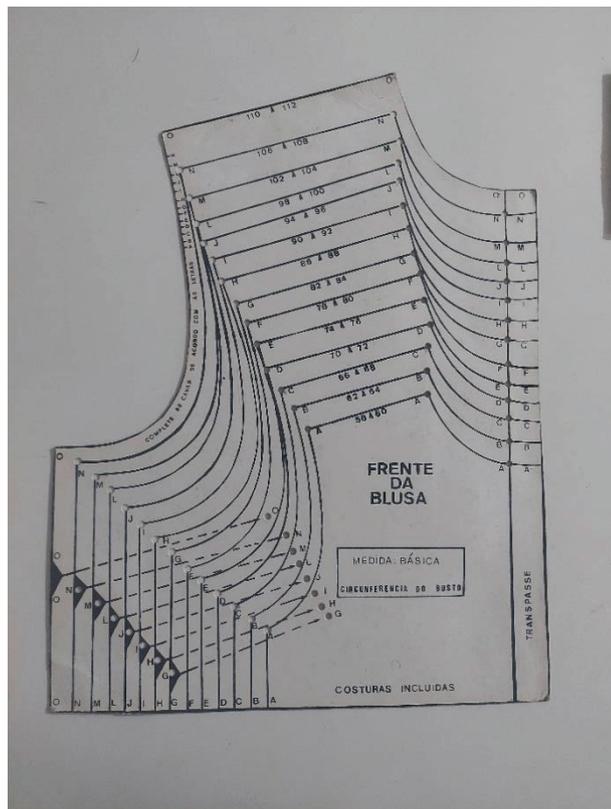
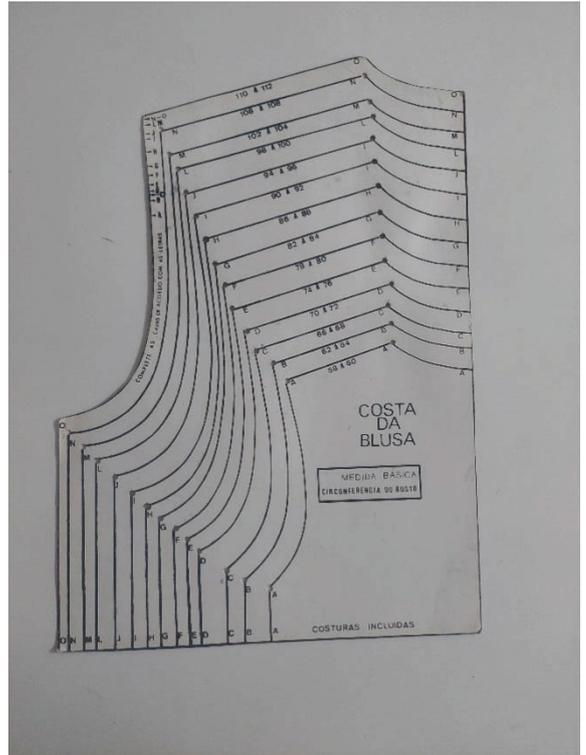
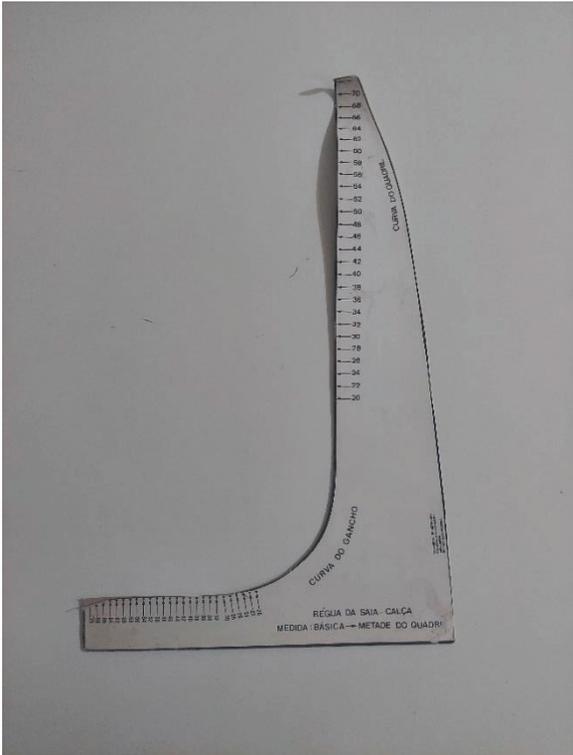
Eu, Janira da Silva Pereira, RG 14.525.380-2, declaro ceder à Fabrício Rodrigues Alves, RG 54.619.597-0, sem quaisquer restrições, os direitos autorais da gravação do depoimento de caráter documental e histórico que lhe concedi em 26/06/2024, num tempo total de 39min 13s, e também da textualização apresentada por escrito.

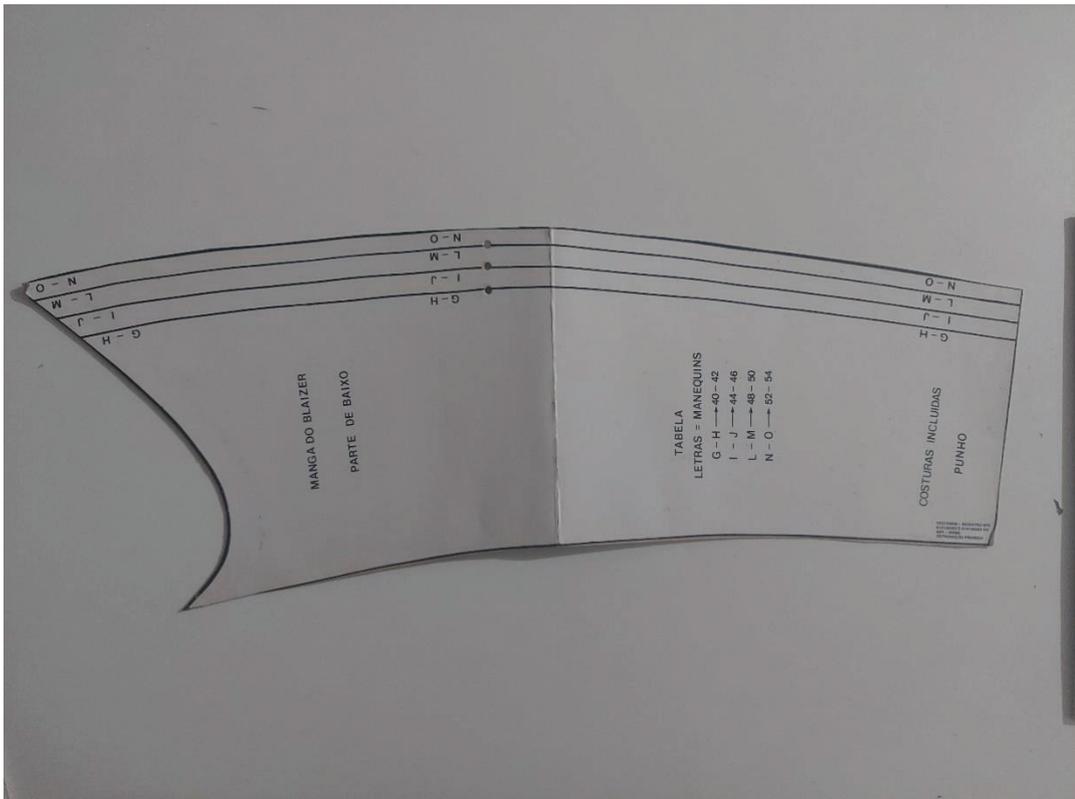
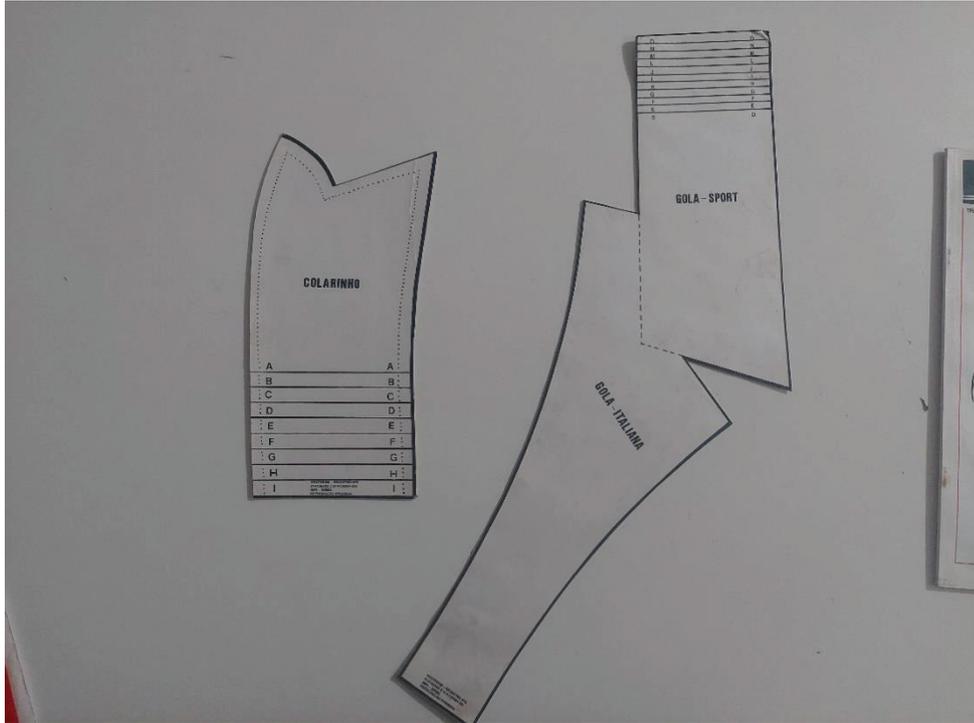
Janira da S. Pereira

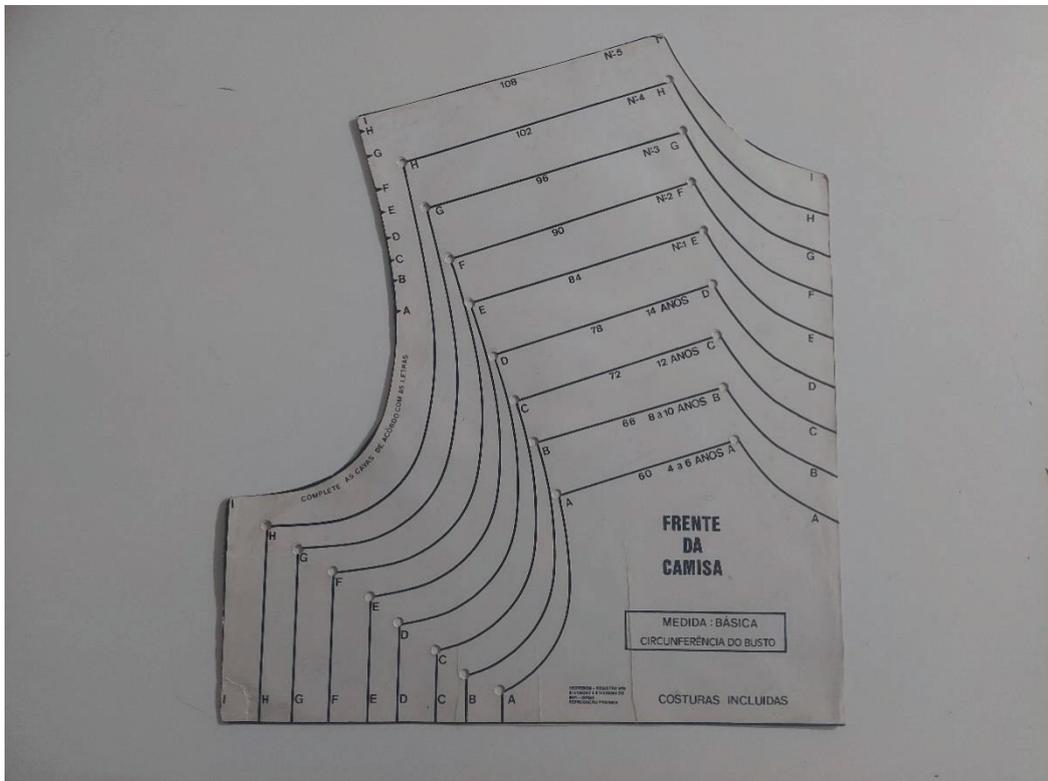
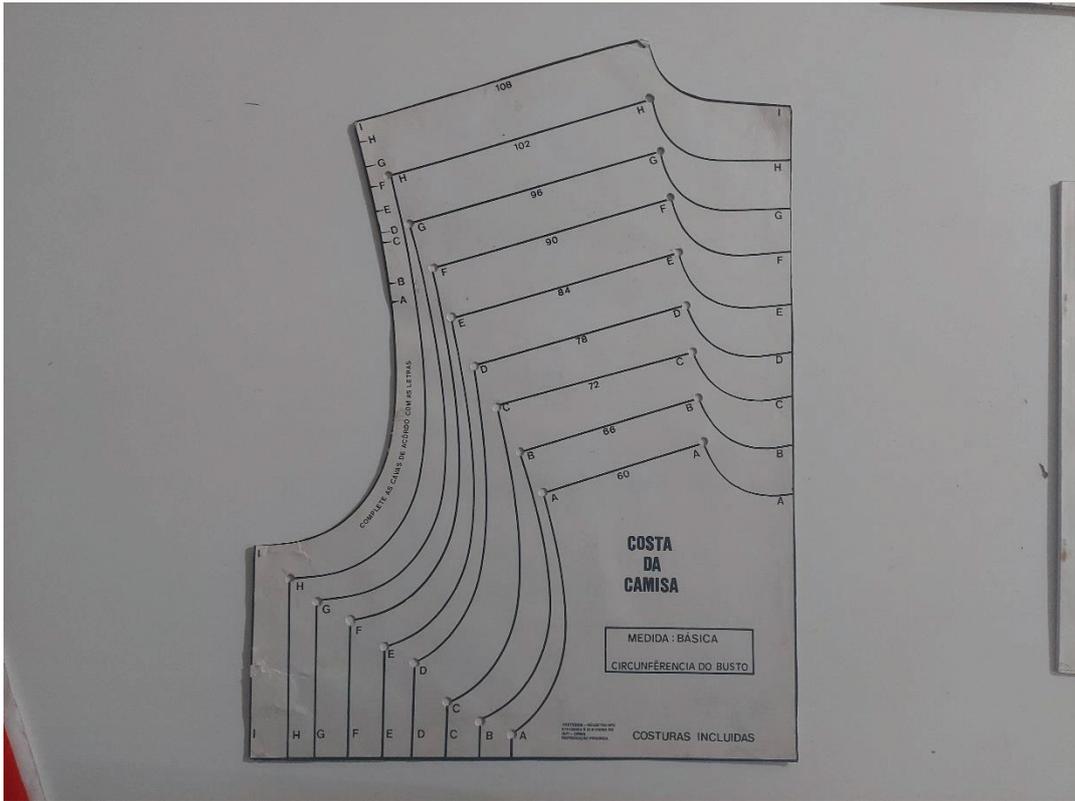
Janira da Silva Pereira

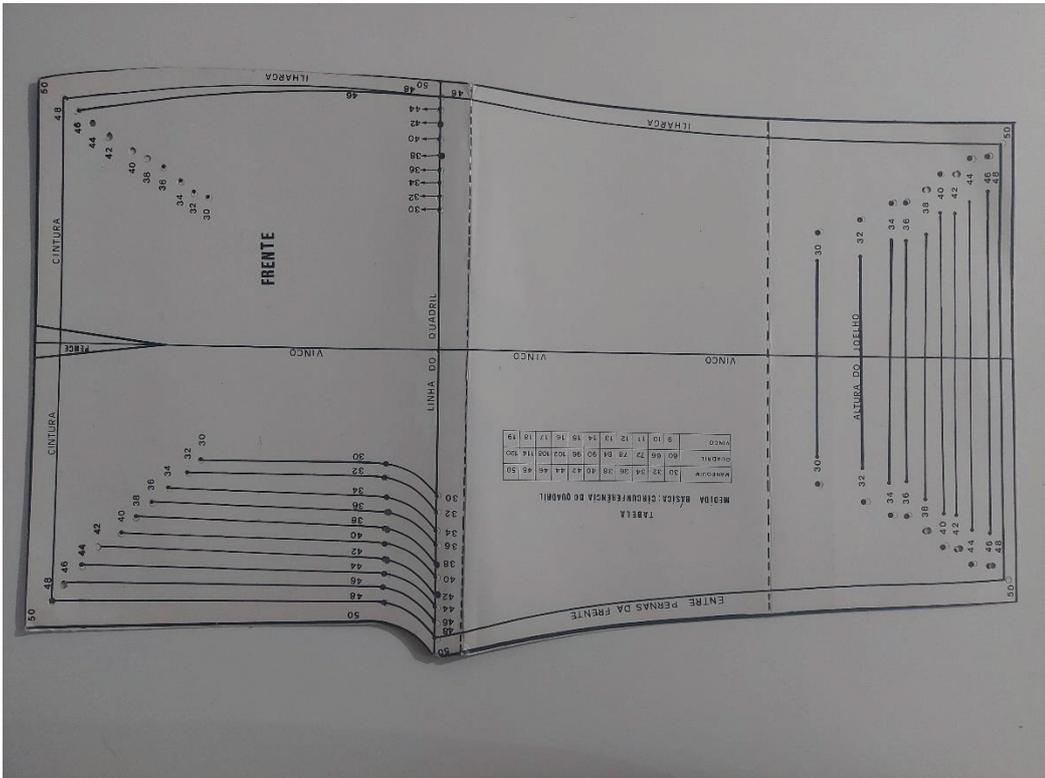
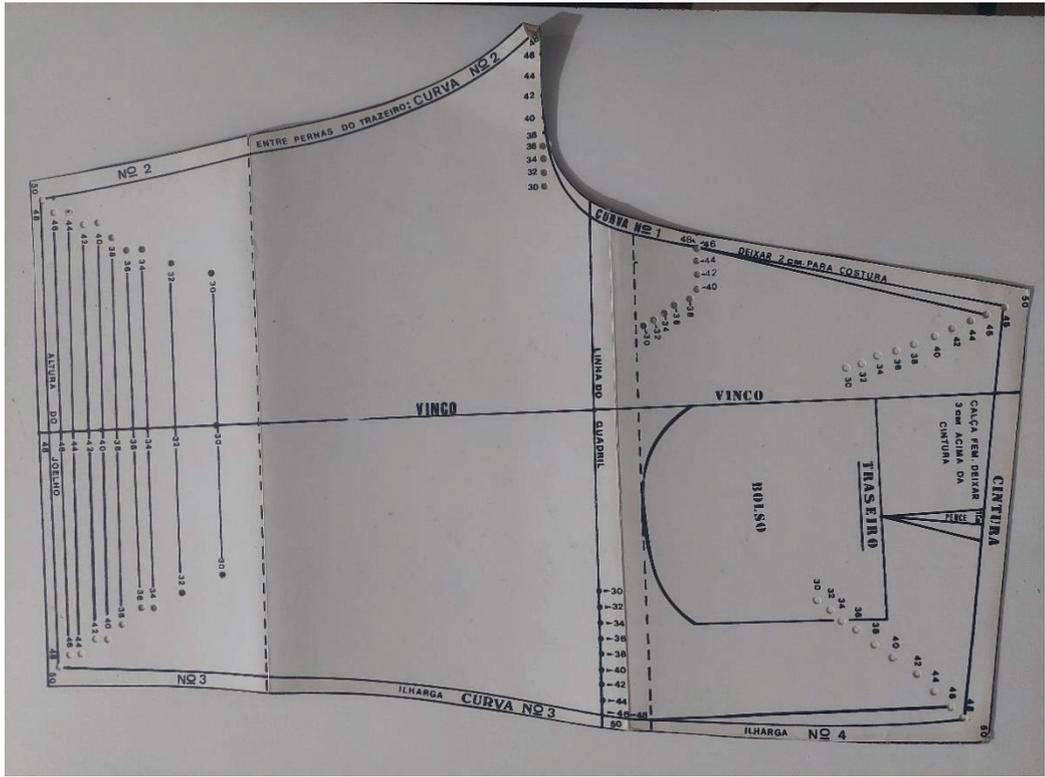
ANEXO 2 – MOLDES



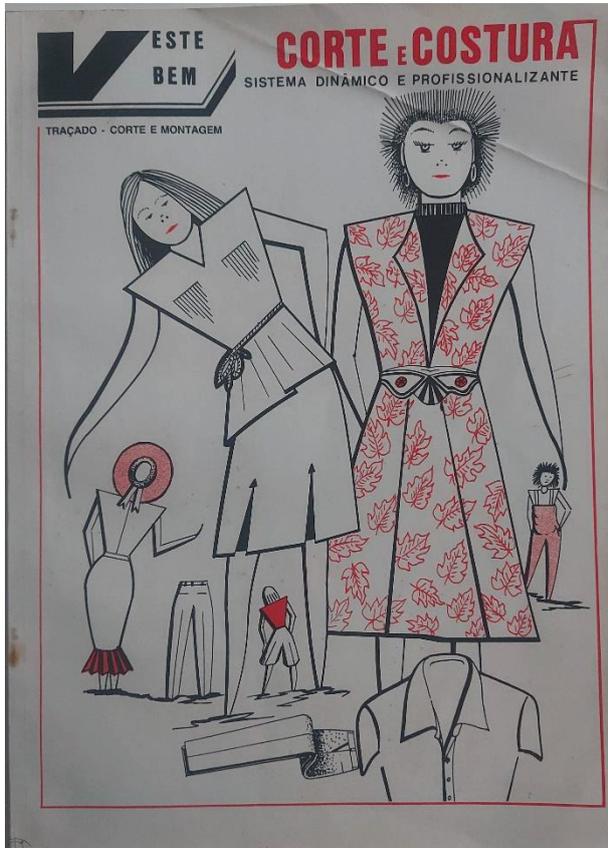








ANEXO 3 – REVISTA DE COSTURA



SISTEMA DE CORTE E COSTURA

Neste livro estamos projetando a experiência de mais de vinte anos. Os gabaritos atendem a todos os tipos de vestuários.

AUTORA E REDATORA: *Cleto R. Emerenciano*
 ARTE, COORDENAÇÃO E MONTAGEM: *Laureando Fabiano*

GRÁFICA COP-BEM
 R: BOA VISTA N: 477
 FONE: (0172) 3374 68
 SÃO JOSÉ DO RIO PRETO SP

Proibida a reprodução do todo ou em parte
 Edição 1990

TABELA DA CALÇA
 MEDIDA BÁSICA - CIRCUNFERÊNCIA DO QUADRIL

QUADRIL	60	66	72	78	84	90	96	102	108	114	120
MANEQUIM	30	32	34	36	38	40	42	44	46	48	50
VINCO	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
CINTURA	58	60	64	68	72	80	84	88	92	100	104
L. JOELHO	16	18	20	20	22	24	24	26	26	28	30
L. BOCA	16	18	20	20	22	24	24	26	26	28	30
L. TOTAL	76	78	82	86	90	94	100	102	104	106	108

DOBRE

O Zíper deve ser costurado aqui

Cós

Bolso

FACA

Dobra do tecido

Protetor do Zíper

Cós

COMO SE MONTA A CALÇA